



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
HISTÓRIA LICENCIATURA

AMANDA VICTÓRIA GOMES VASCONCELOS GUIMARÃES

**“ABELHAS DE LUXO” : PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MOVIMENTO
OPERÁRIO CARIOCA (1919 - 1922)**

Monografia apresentada à Graduação em História da Puc-Rio como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura e bacharel em História.

ORIENTADOR: PROF. LARISSA ROSA CORRÊA

RIO DE JANEIRO

2024

Agradecimentos

Gostaria de começar meus agradecimentos primeiramente à Deus, por fazer com que os meus caminhos me direcionassem até a PUC, onde graças a uma bolsa inesperada pude realizar o curso que tanto queria. Em segundo, não poderia deixar de mencionar uma das minhas maiores fontes de inspiração para dar início a minha pesquisa. Minha avó Terezinha de Jesus, uma costureira que saiu do Maranhão, começou sua família e criou seus filhos aqui no Rio de Janeiro e com muito custo e suor tirou sua renda da costura, foi a partir de sua trajetória que comecei a pesquisa sobre a história dos trabalhadores.

Não posso deixar de mencionar meus pais, Tereza e Amadeu, que me auxiliaram financeiramente possibilitando que eu tivesse uma jornada mais tranquila dentro da Universidade.

Meus sinceros agradecimentos às professoras Larissa Corrêa e Gabriela Mitidieri, que me auxiliaram com a busca pelo tema de pesquisa ideal até a formulação completa desta monografia, sem esquecer de agradecer também as instituições que me auxiliaram financeiramente durante o meu período na PUC, as bolsas do projeto da CAPES e do CNPq.

E por último mas não menos importantes queria citar o trecho de uma música do Zeca Pagodinho que diz: “Quem tem um amigo tem tudo” e de fato meus amigos que tenho dentro e fora da PUC foram pessoas imprescindíveis nesses anos que estive na Universidade, afinal são as pessoas que escutam sobre as minhas pesquisas, minhas lamentações e junto a isso tudo, boas risadas que sempre vou lembrar.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória das mulheres que exerciam o ofício de costureiras no Rio de Janeiro no início do século XX, com ênfase em sua inserção no mercado de trabalho e na participação em movimentos políticos associativistas. A pesquisa examina as condições de trabalho dessas operárias nos ateliês, suas demandas por melhores condições laborais e direitos sociais, e as conquistas alcançadas por meio da criação da União das Costureiras e Classes Anexas (1919-1922). Além disso, investiga-se como essas mulheres, frequentemente invisibilizadas pela historiografia tradicional, se posicionaram como agentes ativas na luta operária e quais foram os desdobramentos de suas vitórias no contexto político e social da época. Também será analisada a chegada da máquina de costura Singer no Brasil e como esse equipamento contribuiu para a independência financeira de algumas mulheres, ampliando suas possibilidades de autonomia e profissionalização.

PALAVRAS-CHAVE:

“Operárias”; “costureiras”; “Movimento operário”; “União das Costureiras”, “Classes Anexas” e “Máquina de costura”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.1 Emancipação da mulher no mundo laboral	9
1.2 O manuseio das máquinas de costura e a busca pela autonomia financeira feminina	14
CAPÍTULO 2: Organização política: Inserção das mulheres no mundo do trabalho	21
2.1: O Papel das Mulheres na Construção de Movimentos Operários nas primeiras décadas do século XX	21
2.2: Greves de 1917 e 1919 e a formação do sindicato da União das Costureiras e classes anexas	32
CAPÍTULO 3: ELVIRA BONI COMO PARTE DO PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO OPERÁRIO	41
3.1: Trajetória pessoal e conquistas sindicais	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	55
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:	57

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Tabela de estrutura setorial e por gênero	13
IMAGEM 2: Modelo de máquina Singer anos 60	18
IMAGEM 3: Primeiros modelos de máquina Singer	19
IMAGEM 4: Anúncio de ateliê	19
IMAGEM 5: Anúncio de contratação de costureiras	20
IMAGEM 6: Anúncio de venda de máquina Singer	22
IMAGEM 7: Censo industrial (Estatísticas históricas do Brasil) (1912)	28
IMAGEM 8: Censo industrial (Estatísticas históricas do Brasil) (1920)	29
IMAGEM 9: Jornal ‘A Razão’	31
IMAGEM 10: <i>Jornal ‘A Razão’</i>	33
IMAGEM 11: Celebração do sindicato reformista no 1º de maio de 1913	33
IMAGEM 12: Celebração do 1º de maio no jornal ‘A Época’	34
IMAGEM 13: Greve de 1917 em São Paulo no jornal ‘A Noite’	36
IMAGEM 14: Greve de 1917 no Rio de Janeiro na ‘Revista da Semana’	38
IMAGEM 15: Sindicato das costureiras se juntam a paralisação	42
IMAGEM 16: Manifestação de 1º de maio de 1919 na ‘Revista da Semana’	47
IMAGEM 17: Primeira assembléia do sindicato das costureiras	48
IMAGEM 18: Encerramento do III Congresso operário brasileiro no Rio de Janeiro	52
IMAGEM 19: Elvira Boni no encerramento do III Congresso operário brasileiro	52
IMAGEM 20: Noticiário sobre o III Congresso operário brasileiro no jornal ‘A Rua’	53

Mulher proletária*(Jorge de Lima)*

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)

tu

na tua superprodução de máquina humana

forneces anjos para o Senhor Jesus,

forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,

o operário, teu proprietário

há de ver, há de ver:

a tua produção,

a tua superprodução,

ao contrário das máquinas burguesas

salvar o teu proprietário.

INTRODUÇÃO

É inegável que tenha existido um apagamento na historiografia das mulheres, onde sistematicamente seus relatos, trajetórias e feitos não são vistos como atos de grandeza e tal fato gira em torno do reflexo de estruturas sociais patriarcais que priorizaram as experiências e realizações masculinas. Esse fenômeno de invisibilização pode ser entendido por diversas formas, uma das possibilidades que podemos refletir é que por muito tempo a questão do gênero não era acoplada como objeto de pesquisa, ou seja, não se tinha tantas questões que levavam os pesquisadores a analisar a historiografia pela perspectiva de gênero¹, mas também pela forma como as narrativas históricas foram moldadas, concentrando-se nos espaços de poder e decisão dominados por homens. A história das mulheres, particularmente no campo do trabalho e das lutas por direitos, foi relegada ao plano secundário e ao lado disso podemos pensar na fala de Michelle Perrot, quando afirma sobre um esquecimento proposital da história das mulheres e que acabavam sendo destinadas à “obscuridade da reprodução, ficando fora do acontecimento”, se referindo a ser negligenciada intelectualmente.²

Tendo em vista esse contexto historiográfico, a presente pesquisa busca desenvolver uma análise aprofundada da trajetória das mulheres no movimento operário, com especial atenção à criação de um sindicato exclusivamente composto por elas. Pretendo dedicar as primeiras leituras de minha pesquisa a entender em que sociedade essas mulheres viviam, o que certos grupos sociais, majoritariamente homens, diziam sobre esse movimento que se iniciava, o deslocamento parcial das mulheres ao mundo do trabalho. Planejo examinar relatos e argumentos publicados por homens de diferentes áreas, como intelectuais e médicos, que justificavam por que, segundo eles, as mulheres deveriam permanecer no ambiente doméstico. E em seguida analisar como se deu essa emancipação através do uso das máquinas de costura.

¹ Baseio minha escrita a partir de leituras como da autora Joana Maria em: “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.” *História (São Paulo)* 24 (2005)

² Apud

A partir dessa introdução, pretende-se examinar como essas mulheres se organizaram politicamente e socialmente para alcançar seus objetivos em um ambiente fabril amplamente dominado por homens. A pesquisa explorará as estratégias de resistência e mobilização que elas utilizaram, suas demandas por melhores condições de trabalho e direitos sociais, e como se deram suas interações com outros movimentos operários e feministas da época. Ao traçar esse percurso, busca-se também compreender de que maneira a fundação de um sindicato feminino representou um marco importante não apenas para a organização das trabalhadoras, mas para a ampliação de sua participação no espaço público e na luta por emancipação econômica e política. A análise será realizada dentro do contexto historiográfico específico das primeiras décadas do século XX, levando em consideração os desafios que essas mulheres enfrentaram em um cenário marcado pela desigualdade de gênero e pela precariedade das condições de trabalho.

Vale pontuar o expressivo aumento de trabalho nas fábricas de tecidos, local em que havia uma predominância de atividades desempenhadas por mulheres. As trabalhadoras das classes populares realizavam funções que estavam fortemente associadas à extensão de suas responsabilidades domésticas (ainda que fossem remuneradas). Estão ligadas também às atividades que a autora Joana Monteleone detalha em seu livro, *O circuito das roupas. A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889)*, sobre o trabalho das mucamas, realizavam essas atividades incluíam lavar e passar roupas, amamentar e cuidar de crianças, vender alimentos, entre outras tarefas.

Com o início da modernização e a introdução das máquinas de costura, especialmente no final do século XIX e início do século XX, novas oportunidades surgiram para as mulheres, permitindo que a costura, uma habilidade tradicionalmente doméstica, se transformasse em uma importante fonte de autonomia financeira. A industrialização trouxe a demanda por mão de obra feminina em ateliês e fábricas, e, ao mesmo tempo, a máquina de costura começou a ser usada no ambiente doméstico para a produção de peças comercializáveis. Esse processo representou uma mudança significativa, pois permitiu que muitas mulheres passassem a ganhar o próprio sustento, rompendo parcialmente com a dependência financeira do marido ou da família e contribuindo para a sua participação mais ativa na economia. A costura, portanto, se consolidou como um meio de subsistência e, em alguns casos, de emancipação para as mulheres trabalhadoras, ao mesmo tempo em que reforçava as barreiras de gênero, já que sua entrada no mercado de trabalho ainda se dava em setores considerados "femininos".

Embora essas ligas operárias femininas tivessem como objetivo promover a emancipação dessas mulheres por meio da educação e da participação na força de trabalho, sua atuação dentro desses movimentos, muitas vezes considerada "frágil" por alguns, se intensificou ao longo dos anos 1920. Durante esse período, a atenção dos proprietários de fábricas permaneceu constante, com a ocorrência de várias greves em diferentes estados do país. Em resposta a esse cenário de crescente mobilização, os empresários estabeleceram uma aliança firme e contínua com o aparato policial e o poder público, visando conter e reprimir os movimentos operários³.

Por fim, o último capítulo da minha pesquisa será dedicado a explorar a trajetória pessoal e a atuação de Elvira Boni (1899-1990) no movimento operário, utilizando como fonte principal a obra *Velhos militantes: depoimentos* (1988), de Angela de Castro Gomes. Esse depoimento oferece uma narrativa detalhada e rica sobre diversos aspectos de sua vida, começando pela história de sua família de imigrantes italianos e o processo de estabelecimento no Brasil. Além disso, o relato revela como Elvira iniciou sua trajetória no ofício da costura, um elemento central em sua vida e em sua identificação de classe, bem como os primeiros passos no envolvimento com as causas sindicais.

Nesse sentido, a presente argumentação tem por objetivo principal, compreender as relações de gênero estabelecidas na dinâmica do trabalho, identificar e documentar as principais reivindicações das mulheres operárias nas greves e mobilizações da década de 1910, com especial atenção para os movimentos grevistas de 1917 e 1919, que antecederam a criação do sindicato das costureiras (1919-1922). Além disso, pretende-se analisar a inserção dessas operárias no mundo do trabalho, explorando as particularidades que distinguem as costureiras que trabalhavam em ateliês daquelas empregadas em fábricas têxteis. Esta pesquisa irá realizar uma análise abrangente de periódicos operários, jornais de grande circulação e jornais operários, atrelados a relatos de militantes da época, a fim de investigar as diferentes narrativas e representações da participação das mulheres nos movimentos sociais e trabalhistas.

³ Ao decorrer da pesquisa irei analisar obras como a de Cláudio Batalha em: "*O movimento operário na Primeira República*" e o depoimento de Elvira Boni em: "*Velhos militantes: depoimentos.*", em que serão relatados como se deu parte dessas repressões com objetivo de conter a continuidade das paralisações desses operários.

CAPÍTULO 1: A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA HISTORIOGRAFIA

1.1 Emancipação da mulher no mundo laboral

“Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente as moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.” (RAGO, 1985)

A frase retirada do livro *Do cabaré ao lar*, de Rago é o retrato do que se passava no Brasil no período de modernização do país, caracterizado pelas primeiras décadas de industrialização no país. Nesse contexto, as mulheres de classes sociais mais baixas encontravam nas fábricas, lojas, residências de elite na busca por alternativas viáveis e necessárias de trabalho. No entanto, sua crescente inserção no ambiente urbano não significava uma diminuição das imposições morais. Quanto mais elas se afastavam da esfera doméstica, maior era o sentimento de culpa gerado pelo suposto abandono do lar. Um discurso carregado de pautas moralistas, surgindo de diversos setores sociais, reafirmando os papéis que a mulher exercia.

Dentro da narrativa da obra de Margareth Rago, o discurso operário masculino se dirigia às mulheres trabalhadoras, simbolicamente definindo-as como o "sexo frágil", tanto física quanto moralmente, construindo uma imagem feminina a partir do consciente do homem operário. Na poesia abaixo seria um desses demonstrativos de pensamento retirado pela autora de um jornal chamado ‘A terra livre’:

A OPERÁRIA

Flor a se definhar nessa estufa doentia,
 Onde impera o trabalho e reina a tirania,
 Onde a fome voraz canta de sol a sol:
 És pela Sociedade infame destinada
 A sofrer, trabalhar e morrer estiolada
 Sem veres da Alegria o primeiro arrebol...

Nessa furna sem ar e sem luz - a Oficina -
 A sociedade vil, corruptora, assassina,
 Com ferozes grilhões para sempre te prendeu,
 E o atroz Capitalismo teu suor devora,
 Como a águia do Cáucaso estraçalhava outrora
 A carne, a robustez do heróico Prometeu...

Para o mundo atual tu és unicamente
 Fonte da exploração, máquina inconsciente
 Que trabalha e procria o infeliz que amanhã
 Irá minas cavar, servo do potentado
 Frequentar as prisões e hospitais... e embriagado
 Morrer no leito infiel de imunda barregã...
 Ó mulher infeliz, luta, trabalha, morre!
 Mas o sangue, o suor que da tua fronte escorre
 Vai formando esse mar de fúria e indignação
 Em que há de submergir um dia o Despotismo
 Que há de fazer nascer da lama deste abismo
 Um mundo mais humano e sem falta de pão!

Raimundo Reis⁴

Essa postura paternalista buscava protegê-las dos perigos no ambiente fabril, contudo, esses mesmos homens eram aqueles que incentivavam as operárias sobre a importância de sua organização política própria e a luta pelos seus direitos. Mesmo dentro do movimento operário, incluindo as organizações políticas como grupos anarquistas, Rago enfatiza quais ações e justificativas que esses homens tinham mediante a tal cenário. Os homens assumiam a liderança das lutas, justificando sua posição mediante a "fragilidade física" e "falta de combatividade" atribuídas à natureza feminina. Dentro desse pensamento, que podemos analisar em certa medida como controverso, eram frequentes os artigos em jornais operários que incitavam as operárias a se sindicalizarem e a resistirem politicamente na luta contra os empregadores, apesar de essa liderança vir de uma perspectiva masculina⁵. Em um desses artigos, Rago o reescreve em seu livro, dizendo: “para elas só têm dois tratamentos: o

⁴ ‘A operária’ (*A terra livre* - 15/06/1910)

⁵ Rago, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1985, p. 67.

vocabulário indecente e vil da taberna ou as delambidices rufianesca”⁶ (*A terra livre*, 13/10/1907). Em que é possível notar essa forte ideia de liderança masculina que Rago fala em seu livro, onde, os operários lhes encorajam para ir à luta mas na verdade quem detém o poder da decisão nos sindicatos são os próprios homens operários.

Além da questão já estabelecida sobre a moralidade e costumes que a mulher deveria portar em sociedade, ainda podemos encontrar teorias ditas como “verdades científicas” pelas quais justificavam seus argumentos para a incapacidade da mulher de pertencer a esses lugares, como o trabalho. No livro de Sidney Chalhoub, *Trabalho, lar e botequim*, o autor analisa teses da universidade de Medicina do Rio de Janeiro, onde a tese de Jurandir Freire Costa⁷ afirma que consegue captar as diferenças entre os sexos pela visão da medicina, relatando a diferente formação cerebral e que todo resultado de fragilidade, delicadeza e lado emocional mais perceptível era por que isso fazia parte de sua natureza, logo, deveria agir conforme suas virtudes e estar protegida ao lado de um homem, no caso de um marido. Esse modelo normativo era altamente prejudicial, pois limitava o desenvolvimento individual e coletivo das mulheres, excluindo-as de espaços de poder e autonomia. Ao atribuir a elas um papel fixo de cuidadoras e pacificadoras, a sociedade não apenas negava suas ambições e capacidades fora da esfera doméstica, mas também perpetuava a desvalorização de sua força de trabalho e a manutenção de estruturas patriarcais.

É preciso refletir e questionar sobre a questão social em que essas mulheres viviam, pois, quando é fortemente propagada ideias como essas, nas quais limitavam as mulheres a viver para seus lares, não levam em consideração a condição econômica em que elas se encontravam. Então podemos pensar a partir da leitura de Chalhoub em que ele analisa a inserção da mulher pobre no mundo do trabalho, sendo fator de necessidade por pensar em conseguir sobreviver .

⁶ Em pesquisas do que poderia significar as palavras ‘vil da taberna’ e ‘delambidices rufianescas’ e trazer o sentido delas dentro da frase, podemos dizer que é uma expressão que combina o termo "vil", que significa algo desprezível, baixo ou sem valor moral, com "taberna", que no contexto histórico geralmente se refere a um local simples e popular onde pessoas se reuniam para beber e socializar, como bares ou tavernas. A expressão pode ser usada de forma figurativa ou literal, dependendo do contexto, e geralmente sugere algo ou alguém considerado moralmente inferior ou desprezado, associado ao ambiente da taberna, muitas vezes estigmatizado como espaço de vícios, comportamentos inadequados ou má reputação. É uma construção que reflete preconceitos sociais e morais, especialmente no passado, contra determinados grupos ou estilos de vida. Já a expressão "delambidices rufianescas" indicam atitudes bajuladoras ou hipócritas realizadas de forma oportunista, possivelmente com segundas intenções ou caráter moralmente questionável. A expressão tem um tom pejorativo e seria usada para criticar alguém que age de forma interesseira e sem ética. Isso pode nos indicar que ou você está do lado que critica e confronta os padrões ou você está do lado que os bajula e “entende” já que não quer perder seu emprego.

⁷ A tese referenciada pelo autor é essa: Jurandir Freire Costa, *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Alinhando os pontos que foram destacados até o momento é possível refletirmos como se deu a entrada dessas mulheres para o mundo do trabalho, em qual área se encontravam o maior número de operárias e como se deu o início dessa jornada. É necessário compreender que foi uma entrada gradativa para lugares maiores como os setores industriais. Chalhoub relata que, embora algumas mulheres já estivessem inseridas em atividades como o comércio ou o trabalho fabril, o serviço doméstico ainda era a principal ocupação das mulheres de classes mais baixas. Segundo o censo do Distrito Federal de 1906, dos 117.904 indivíduos que se declararam empregados em serviços domésticos, 94.730 eram mulheres, enquanto apenas 23.174 eram homens (CHALHOUB, 2012). Logo, podemos analisar que as atividades nos quais as mulheres estavam mais presentes se assemelham a tarefas domésticas, que em sua maioria essas mulheres eram estimuladas desde pequenas a aprender tais ofícios, como costura e doces caseiros, o que as estimulavam a atuar tanto em atividades autônomas quanto a entrada para o mundo fabril.

Visto que, tal aumento se deu de forma exponencial a partir da década de 1920, podemos analisar em quais setores ocorreu esse aumento. Conforme mostra a tabela abaixo:

IMAGEM 1:

**Tabela 2. Estrutura setorial e por sexo da força de trabalho no Brasil
(números absolutos e porcentagens)**

	1920		1930		1940	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
Rural e agrícola (primário)	5.769.100 75%	607.800 42,4%	8.326.100 70,7%	3.481.100 70,2%	9.495.900 66%	3.121.800 64,2%
Indústria de extração mineral, transformação, construção e serviços de utilidade pública (secundário I)			1.239.900 10,5%	298.300 6%	2.033.600 15%	393.800 8,1%
Serviços de reparação (secundário II)			236.900 2%	384.400 7,8%	428.300 2%	243.400 5%
Secundário I + II	834.300 11%	448.500 31,3%	1.473.800 12,5%	686.700 13,8%	2.461.900 17%	637.200 13,1%
Serviços de produção	724.600 9,4%	26.500 1,9%	1.206.200 10,2%	68.400 1,4%	1.640.500 11,3%	130.600 2,7%
Serviços pessoais, serviço doméstico e profissões liberais (serviços de consumo individual)*	167.700 2,2%	309.800 21,6%	327.500 2,8%	586.600 11,8%	383.000 2,6%	696.800 14,3%
Administração pública e atividades sociais (educação, saúde, previdência social) (serviços de consumo coletivo)*	199.200 2,6%	41.400 2,9%	445.800 3,8%	136.300 2,8%	590.600 4,1%	275.900 5,7%
Comércio, transportes, comunicações e serviços de produção (terciário)	1.091.500 14,2%	377.700 26,4%	1.979.500 16,8%	791.300 16,8%	2.614.100 18%	1.103.300 22,6%
Outros	407.200	113.000	-	-	-	-
Total (100%)	7.691.900	1.434.000	11.779.400	4.959.600	14.571.800	4.861.800

Fonte: Madeira e Singer (1973:13, 16)

A partir dos dados fornecidos pela tabela 1 acima é nítida a presença significativa de operárias no setor industrial de reparação, em que, também revelava justamente a presença delas no trabalho como costureiras e bordadeiras, tanto em indústrias domiciliares como atuando por conta própria. E dentro dessas atividades, elas encontravam maiores chances de conjugar o trabalho remunerado com o trabalho de limpeza e cuidados. Também é possível observar essa participação em um maior número por parte das mulheres no setor de transportes e comunicação, onde era lido as atividades que envolvem comércio de mercadorias, como foram mencionadas anteriormente.

As profissões que demandavam maior escolaridade eram geralmente associadas às áreas vistas como "mais adequadas" à natureza feminina, como o Magistério, Enfermagem, Farmácia e Odontologia, ou então a ocupações que eram consideradas uma extensão das

tarefas domésticas, sempre ligadas às funções de cuidar e educar, tradicionalmente atribuídas às mulheres. No entanto, apesar de essas barreiras serem menores por essa razão, ainda representavam obstáculos significativos para a ampla inserção das mulheres nessas carreiras.

O trabalho destinado às mulheres era caracterizado como "trabalho de mulher", considerado apropriado para suas supostas limitações físicas e níveis inerentes de produtividade. Esse discurso contribuiu para a consolidação de uma divisão sexual no mercado de trabalho, que resultou na concentração das mulheres em determinadas ocupações, enquanto eram excluídas de outras. Dessa forma, elas foram sistematicamente posicionadas nos níveis mais baixos de qualquer hierarquia profissional, recebendo salários que, em muitos casos, ficavam abaixo do mínimo necessário para a subsistência.

É preciso deixar em evidência que um dos resultados das más condições financeiras que muitas mulheres de classes baixas tiveram que se submeter foi a prostituição. Diversas autoras narram como se deu a ida dessas mulheres que ao mesmo tempo em que tinham seu ofício comum haviam de complementar o dinheiro com a prostituição, circunstância essa que não se deteve somente ao Brasil. Wanda Maleronka escreve que essa postura já havia sido adotada na Europa no início do século XX, que apesar dessas mulheres já atuarem como costureiras o retorno financeiro não era o suficiente⁸. Em relação ao debate que podemos fazer com a autora Margareth Rago, onde escreve a percepção que sociedade burguesa tem sobre as mulheres operárias, ao se deter no 2º capítulo de sua obra, 'A colonização da mulher', onde podemos refletir como a burguesia do início do século XX construía um discurso moralista para manter as mulheres restritas ao espaço doméstico. Ela também destacou que, o pensamento masculino se inclinava a pensar que quanto mais as mulheres buscavam romper com o papel tradicional de dona de casa para trabalhar, mais elas eram alvos de julgamentos que as associavam ao pecado e à culpa. O abandono do lar era retratado como uma falha moral, enquanto o trabalho fora de casa era visto como uma ameaça à estabilidade familiar e um caminho potencial para a "perdição", incluindo associações com a prostituição. A obra pode nos levar a questionar o por que os homens sempre acusam as mulheres de serem as "incapazes de resistir à sedução" ou as que estão sempre à margem do perigo, quando na verdade os homens é que são a ameaça de um possível perigo ou aqueles que não controlam seus desejos carnis e vão a procura dessas moças⁹.

⁸ Maleronka, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher, São Paulo 1920-1950*. Senac, 2007. p. 142

⁹ Rago, Margareth. *Do cabaré ao lar*, op.cit. p. 63.

É possível refletir a partir dos dados e pontos descritos acima como se deu esse primeiro cenário da entrada de grande parte dessas mulheres ao trabalho fabril durante as primeiras décadas do século XX e entender algumas das motivações que as fizeram lutar por seus direitos, não somente pensando na questão do gênero mas também em que classe social se encontravam, nesse caso sendo operárias, reivindicando que fossem vistas, escutadas e acima de tudo tivesse condições corretas para poder trabalhar.

1.2 O manuseio das máquinas de costura e a busca pela autonomia financeira feminina

“O trabalho de modistas e costureiras que faziam roupas em casa diminuiu quando as máquinas de costura se tornaram mais comuns no Rio de Janeiro, em meados da década de 1870. Mas as costureiras de remendos continuaram a existir por muito tempo. Elas trabalhavam alguns dias por semana, revezando-se em diferentes casas. Se aprendessem também a costurar a máquina, sabiam que teriam trabalho garantido, seja em casa de famílias muito abastadas (e que podiam comprar uma máquina de costura própria), seja em ateliês.” (Monteleone, 2013)

O período em que gostaria de destacar a chegada das primeiras máquinas de costura, não só ao país mas principalmente ao estado do Rio de Janeiro, é necessário pontuar alguns detalhes que marcaram esse início. Onde a Inglaterra passava por uma alta produtividade e venda de tecidos entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX (Monteleone, 2013)¹⁰. E a entrada das máquinas de costura se deu no final do século XIX, décadas anteriores a abolição da escravatura, ou seja, os relatos que são dados a partir de leituras, como a tese de Monteleone citada acima, nos indica que o contato com a costura se deu inicialmente com o trabalho das modistas e mucamas, onde essas mulheres faziam basicamente todos os serviços que a feitura de uma roupa precisava, como: lavar, passar, engomar e costurar.¹¹

A autora Joana retrata em sua tese os requisitos que as mucamas deveriam possuir para trabalhar com esse tipo de serviço: “ter habilidade como costureira era tão desejável quanto ser uma excelente cozinheira – e os jornais estavam repletos de anúncios procurando escravas costureiras.”¹² O texto nos trás uma dimensão do amplo serviço das mucamas, que

¹⁰ A autora menciona como referência o texto de Eric Hobsbawm. *A era das revoluções. 1789-1848*. Trad. port. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 44.

¹¹ Monteleone, Joana. "O circuito das roupas." *A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889)* (2013).

¹² *Ibidem*, p. 13.

para além de mulheres que faziam essas roupas também haviam de se dedicar às atividades do lar que trabalhavam, diferentemente das mulheres livres que tinham que aprender algumas das atividades listadas acima por ser visto como socialmente aceito, passado do conhecimento que era de mãe para filha.

A mesma autora em um outro artigo menciona dados mais específicos, citando:

No Rio de Janeiro, em 1870, “71% das mulheres ativas eram criadas, o que significava 34 mil mulheres trabalhando como **mucamas**, pajens, amas-de-leite, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, carregadoras de água, lavadeiras, passadeiras e costureiras. Brancas e negras, livres ou escravas, elas trabalhavam juntas, exercendo atividades semelhantes.” Muitas eram escravas, outras, mesmo livres, trabalhavam por casa e comida.” (Monteleone, 2019)¹³

Com o aumento significativo da venda dessas máquinas, houve o início do que conhecemos por ateliês de costura, onde, essas modistas compravam as mucamas para realizarem tais serviços em seus ateliês, repare que as modistas ou os donos desses ateliês não compravam os serviços ou pagavam pela mão de obra dessas mulheres, eles compravam a pessoa para realizar as tarefas que eram submetidas, entendendo como funcionava o sistema escravista nesse quesito. No entanto, esses serviços prestados, ao longo do século XIX e após o fim do tráfico de escravos (e mesmo após a abolição da escravatura), passaram por um processo de profissionalização. Em outras palavras, esses serviços começaram a ser remunerados, com o reconhecimento de um salário.

Conforme discutido por Monteleone em suas análises sobre a introdução da máquina de costura no Brasil, esse objeto foi rapidamente aceito como uma ferramenta moderna que facilitava o trabalho manual com agulhas. Monteleone destaca que, além de aumentar a produção e a monetização, especialmente no trabalho domiciliar, a máquina de costura não interferia significativamente na rotina doméstica das mulheres, permitindo que elas conciliassem o cuidado do lar com atividades produtivas. Sua popularização foi fundamental para o aumento da oferta de roupas e para a transformação do trabalho doméstico em profissões formais, como a de costureiras e alfaiates. Nesse contexto, os ateliês de costura emergiram como espaços organizados, onde trabalhadores operavam sob a supervisão de um mestre.¹⁴

¹³ A autora faz referência a obra de Vania Carneiro Carvalho. “*Gênero e artefato*”. *O sistema doméstico na perspectiva da cultura material. (São Paulo 1870-1920)*. São Paulo: Edusp, 2008.

¹⁴ Monteleone, op.cit., p. 81.

Com o avanço dos espaços que empregava essas costureiras e alfaiates houve também a especialização por setor, sendo assim, cada costureira ficava responsável por produzir alguma parte da peça encomendada, onde por exemplo, uma costureira fazia as mangas da blusa uma outra fazia o colarinho e assim por diante. Mediante a esse cenário, feito de forma estratégica para que os donos desses ateliês viessem a pagar pouco por cada serviço prestado por essas mulheres, tendo em mente que esses lugares visavam lucro acima de tudo, então fazer roupas em grande escala e ainda por um baixo custo era a forma desses estabelecimentos lucrarem com o trabalho dessas costureiras.

Pensando no principal objeto de trabalho dessas operárias, sendo a máquina de costura, é preciso destacar alguns pontos que serão relevantes para a pesquisa. Partimos do ponto em que iremos analisar uma marca específica de máquina, chamada *Singer*, o momento em que esse objeto chega ao Brasil e mais especificamente ao Rio de Janeiro e como se deu a venda dessas máquinas para a população geral.

Diferentemente dos teares ou do uso das agulhas convencionais, uma das propostas que marcava a *Singer* como um produto atrativo era a facilidade que suas máquinas traziam a suas usuárias e falo no feminino pois seu público alvo eram as mulheres, principalmente das classes médias e baixas. Um de seus benefícios era que a máquina foi feita principalmente para o uso domiciliar, ou seja, fazer com que essas mulheres pudessem enfrentar essas duas jornadas como trabalhadoras e domésticas de forma mais “tranquila”. A chegada da máquina *Singer* ao Rio de Janeiro se deu a partir do ano de 1868, é preciso lembrar que havia uma disputa de mercado entre outras marcas e que outras máquinas de costura já tinham chegado ao país anteriormente, mas não vamos nos atentar a esses detalhes.¹⁵

Podemos pensar em dois fatores que tanto popularizaram o ofício da costura, quanto a alta demanda por roupas e o crescimento das vendas das máquinas no país. Primeiro aspecto está no fato de que essa atividade estava em um processo de profissionalização, pela sua crescente demanda. Outra questão é que houve um aumento significativo no número de ateliês na cidade do Rio de Janeiro, muitas vezes organizados por imigrantes ou mulheres de classe média, onde a popularização das máquinas *singer* se deu pela forma de pagamento mais flexível, sendo pagas parcelas, afirma a autora Joana que cita a obra *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*¹⁶ como base de sua afirmação. Em pesquisa por

¹⁵ Monteleone, op.cit., p. 101.

¹⁶ Diana Crane. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. Trad. port. São Paulo: Senac, 2006, p. 153-154.

esses anúncios de ateliês nos periódicos da Hemeroteca junto às fontes fornecidas por Monteleone é possível analisar alguns endereços localizados e perceberam que todos se localizam próximos se ruas principais no centro da cidade, naturalmente que existiam ateliês em outras localidades da cidade mas vamos nos ater a essas que vou citar: Rua Teófilo Otoni 60 (próximo a Igreja da Candelária), Rua Gonçalves Dias 12 (próximo a estação da Carioca), dois ateliês na Rua Sete de Setembro¹⁷ e não podemos deixar de mencionar a Rua do Ouvidor e a Rua da Quitanda muito mencionadas pela autora Joana. Abaixo serão mostradas algumas imagens coletadas da hemeroteca para analisarmos como eram divulgados esses espaços, principalmente localizados na região central do Rio de Janeiro. Nos interessa analisar como eram esses modelos de máquinas *Singer*, como se davam as propagandas de vendas das máquinas, bem como os anúncios de emprego para as costureiras.

IMAGEM 2:



Guimarães, Amanda (acervo pessoal). Máquina Singer. [1960]

¹⁷ Originalmente a Rua sete de setembro se chamava Rua do Cano, pois escoava água para algumas ruas próximas, informação acessada em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/09/nos-200-anos-da-independencia-rua-sete-de-setembro-busca-se-reeguer-junto-com-o-centro-do-rio.ghtml>

IMAGEM 3:

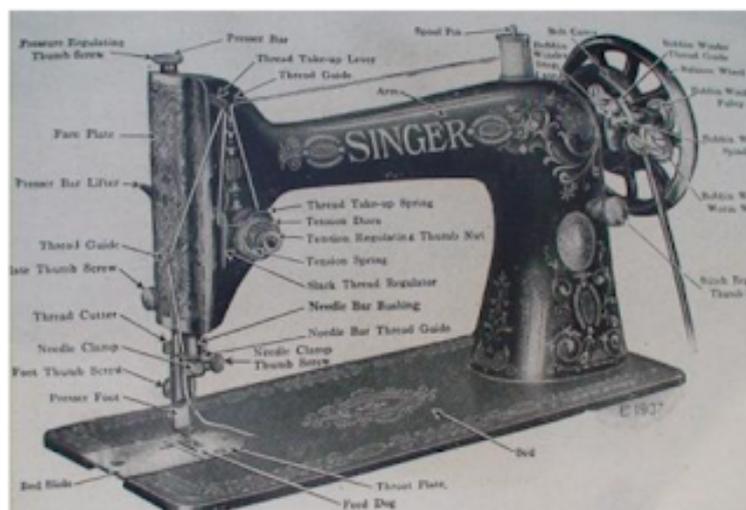
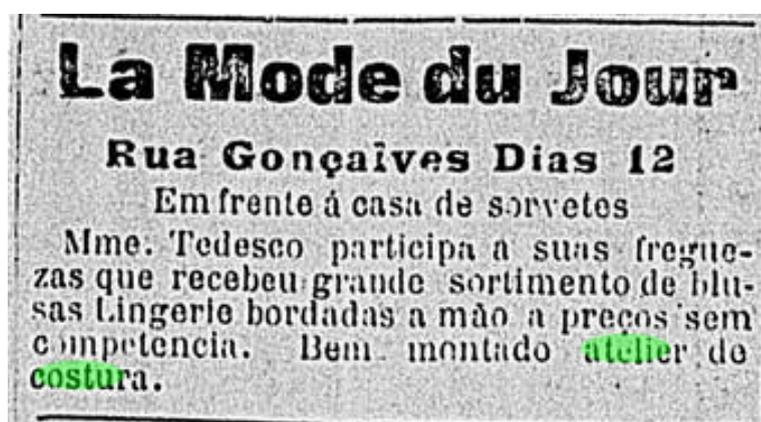
Singer, 1866.¹⁸

IMAGEM 4:

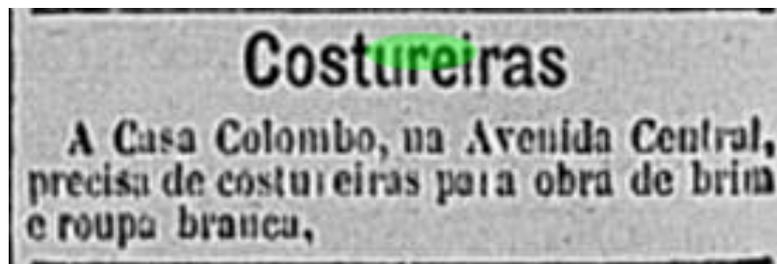
Jornal *Correio da Manhã*, Hemeroteca, 27 de Fevereiro de 1910¹⁹

¹⁸ Imagem acessada em:

<https://ooficiodacostureira.blogspot.com/2016/02/a-historia-da-maquina-de-costura.html>

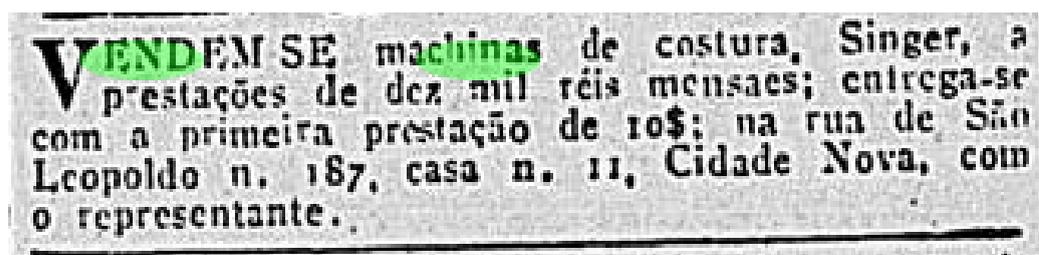
¹⁹ Dentro de uma breve análise feita da página do jornal em que consta o anúncio do ateliê não é possível notar um padrão entre os assuntos publicados na página, não possui categorias ou seções que o pudesse diferenciar, tampouco era uma categoria voltada para o público feminino. Ao analisar a página por inteiro podemos perceber a presença de anúncios de outros estabelecimentos como de: moda/roupa, venda de alimentos e até mesmo anúncio de cinema.

IMAGEM 5:



Jornal do Brasil, Hemeroteca. 1910²⁰

IMAGEM 6:



Correio da Manhã, Hemeroteca. 12 de Dezembro de 1912²¹

Com a vinda desses produtos importados, como a máquina de costura, o estado do Rio de Janeiro passou a ter uma grande concentração de representantes que tinham lojas com esses produtos importados. Esse aumento significativo se deu nas últimas décadas do século XIX. A máquina de costura se tornou um dos equipamentos mecânicos que mais facilitou as tarefas diárias das donas de casa. O grande avanço nas vendas da *Singer* ocorreu ao transformar a máquina de costura em um utensílio de uso comum, acessível a todos – desde pequenas costureiras e donas de casa até pequenos estabelecimentos e ateliês de alta costura. Além disso, eram oferecidos cursos para ensinar o manuseio dessas máquinas, bem como uma ampla variedade de agulhas, linhas e acessórios para otimizar seu uso.

²⁰ A procura por costureiras era algo muito recorrente entre os jornais, pois funcionavam como uma forma de busca por alguém que prestasse o serviço. Mas esses anúncios não necessariamente estariam em colunas ou seções específicas por trabalhos, esse anúncio da imagem por exemplo estava em uma parte do jornal que possuem diversas manchetes e comunicados diferentes.

²¹ Podemos perceber alguns detalhes do anúncio da máquina. Primeiro, observa-se que o anúncio encontra-se na seção de anúncios de venda, o segundo e mais importante, é que podemos perceber a popularização da marca americana no Brasil e que o sucesso de vendas dessa máquina se deu pelo sistema de pagamento à prazo, conforme afirma a autora Joana ao citar a obra *'A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas'*.

Como última análise das imagens mencionadas, observa-se que, apesar do aumento expressivo nas vendas das máquinas de costura e da crescente demanda por costureiras ao longo do século XIX, essa tendência de valorização e procura pelo trabalho das costureiras não se limitou a esse período. Pelo contrário, ao adentrar o século XX, essa demanda se consolidou e se expandiu ainda mais, especialmente nas primeiras décadas. As costureiras, agora munidas de um equipamento que acelerava a produção e conferia maior qualidade ao trabalho, se tornaram peças-chave no setor têxtil e na confecção de vestimentas, respondendo a uma necessidade crescente de roupas sob medida e de qualidade. Esse cenário também reflete a profissionalização e formalização gradual do ofício, em que o papel da costureira deixou de ser exclusivamente doméstico e informal, ganhando status de profissão relevante e indispensável para o mercado.

A partir das primeiras análises podemos contemplar o cenário de luta pela emancipação feminina, marcado por pressões sociais e familiares, onde o protagonismo das costureiras mostraram sua capacidade de enfrentar um sistema que restringia sua liberdade e limitava suas ambições profissionais e pessoais. Ao romperem com esses padrões, pavimentaram um caminho que não apenas redefiniu o espaço que ocupavam na sociedade, mas também o papel que desempenharam na economia. Com a introdução das máquinas de costura, as costureiras viram-se diante de novas possibilidades, que incluíam desde a profissionalização do ofício até uma maior autonomia financeira. Esses instrumentos, embora inicialmente concebidos como parte de um processo de mecanização, trouxeram uma mudança significativa, alargando a independência e impulsionando a prática da costura para fora dos limites do espaço doméstico.

Junto a esse cenário que discute acerca da profissionalização e a luta por direitos e independência financeira alcançados pelas costureiras, abriu caminho para que novas formas de resistência e engajamento político emergissem. A partir do domínio de seu ofício, muitas mulheres passaram a fazer parte de organizações que não apenas reivindicavam melhores condições de trabalho, mas que também refletiam um engajamento mais amplo no movimento operário e nas lutas políticas da época. No próximo capítulo, exploraremos como essa participação política se deu, com destaque para o papel de mulheres anarquistas e outras figuras que usaram suas habilidades e conhecimentos profissionais para fortalecer a luta por direitos e igualdade.

CAPÍTULO 2: Organização política: Inserção das mulheres no mundo do trabalho

2.1: O Papel das Mulheres na Construção de Movimentos Operários nas primeiras décadas do século XX

Se por um lado existia uma forte sociedade capitalista pertencente à elite do país, no qual verbalizava suas perspectivas sobre o que era ser uma família e a missão da mulher, segundo os seus moldes sociais, existia o outro lado que era a classe operária que não era vista como pertencente a esses moldes, levando em consideração que, eram vistos como mão de obra que haviam de somente cumprir seu trabalho como operários e dentro disso se encontram as mulheres e crianças, ambas exploradas de múltiplas formas.

Quero trazer à luz narrativas como a da militante Ernestina Lesina (1904, apud, Gonçalves, 2013, p. 138) que traz a problematização sobre esse tipo de modelo de família e expectativas sobre o papel da mulher:

Quem ousaria falar da missão da mulher no seio da família em frente de uma officina que engolle milhares e milhares de moças e de mulheres que os monstro capitalistas começam a dar as primeiras forças de crianças continuando, até cair extenuadas pela velhice prematura, aprisionadas durante dez e doze horas por dia, quasi sem ter tempo de conhecer a família?

A missão, destas infelizes é unicamente com seu trabalho embrutecedor, crear riquezas para os patrões.

E' nestas condições que se tem a ousadia de falar da missão da mulher a desenvolver-se no seio da familia?

Quando constatamos que o matrimonio é objecto de divisão pelos mesmos que o defendem como instituição fundamental da nossa sociedade considerado como um peso, ao qual, não se podendo evitar procuram adia-lo o mais possivel?

Nesse contexto, a fala e questionamento de Ernestina Lesina buscou fomentar a consciência social ao questionar o papel da mulher na sociedade, com o objetivo de expor e contestar as imposições vigentes. Em suas reflexões, ela trouxe à tona a missão feminina e problematizou as condições econômicas e sociais que limitavam o desenvolvimento e a realização das mulheres, em especial o das operárias.

Antes de nos determos sobre a questão da organização política dessas operárias é preciso entender o contexto que se dava na cidade do Rio de Janeiro. A partir de narrativas como as de Boris Fausto, mais especificamente em *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*, é possível analisar logo no primeiro capítulo que o autor detalha como se deu a formação dessa classe operária nos principais estados do país, bem como o expressivo número de migrações internas até a capital da República nas primeiras décadas do século XX, fazendo com que a cidade ganhasse uma grande concentração de operários que resultaria no início dessas organizações políticas e sindicais.

No entanto, o autor discute sobre a alta procura por essa força de trabalho localizada nas áreas urbanas da capital, o que acabou gerando uma diminuição significativa nos pisos salarial e limitou de certa forma a qualidade de vida desses operários, com essa situação passou a limitar a ação de alguns sindicatos e associações de classe que tinham pouco número de pessoas, passando a enfrentar desafios para se estabelecer como porta-vozes de grandes segmentos de sua classe. Como resultado de todos esses fatores acabou obtendo um impacto negativo, pois de certa forma essas medidas acabavam dispersando as mobilizações internas e objetivos como organização sindical.

O avanço da organização do movimento operário está relacionado, em sua maioria, às associações político-ideológicas, em especial ao anarquismo, pois suas ideologias não apenas influenciaram a forma de organização e ação dos trabalhadores, mas também proporcionaram uma base teórica e prática para suas lutas. Os anarquistas promoviam a emancipação da classe trabalhadora, defendendo a abolição das hierarquias e a criação de uma sociedade mais igualitária. Assim, as disputas e objetivos do movimento operário não estavam apenas voltados para conquistas pontuais, como melhorias salariais e condições de trabalho, mas também para transformações mais amplas na estrutura social e econômica²².

Partindo para um segundo ponto de reflexão é a influência dos imigrantes, principalmente italianos, na formação da classe operária, marcada por ideais revolucionários inspirados no anarquismo e no socialismo. Muitos desses imigrantes, que já tinham experiência em movimentos políticos em seus países de origem, chegaram ao Brasil em busca de melhores condições, fugindo da pobreza ou de perseguições políticas, e passaram a compor uma parcela significativa da mão de obra nas indústrias que estavam surgindo.

²² Oliveira, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906-1936)*. 2022.

Não se trata apenas de entender o movimento político, mas sim o sindicalismo como uma forma de luta que possibilitava ao operariado conquistas parciais dentro de um capitalismo sem normas definidas nas relações capital/trabalho. É preciso compreender as diretrizes desse sindicalismo revolucionário a partir das disputas no movimento operário, nos quais encontramos os anarco-sindicalistas, em que, foram um dos principais agentes defensores da causa, especialmente entre 1906 a 1919. Esse processo, que culminou na ascensão da militância anarquista e do sindicalismo no cenário político da Primeira República, teve suas primeiras resistências surgindo entre os próprios anarquistas.²³

Quando pesquisamos e analisamos todas essas movimentações político-sociais, é possível notar uma predominância de integrantes desses movimentos a quem muitos autores se referem, que seria na questão do gênero. Os homens, principalmente dentro dos movimentos de militância tem sua trajetória descrita com maestria, no entanto, um dos objetivos deste estudo é trazer a luz a participação das mulheres dentro desses movimentos, nesse caso, atuações através de organizações políticas.

Sendo assim, podemos analisar em primeiro lugar uma terminologia que a autora Margareth Rago faz em seu artigo, *Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós)modernidade no Brasil(1996)*, onde analisa o conceito “questão feminina”, que se refere ao movimento e debate intenso sobre o papel das mulheres nos primeiros anos do século XX. Nesse período, essas mulheres atuaram de forma significativa com o intuito de moldar uma nova identidade feminina que pudesse se posicionar e participar ativamente da esfera pública. Esse processo ocorreu em um contexto de rápidas transformações sociais e econômicas marcadas pela modernização das cidades, expansão da industrialização e o aumento da imigração europeia. Rago também enfatiza que essa redefinição da identidade feminina não se limitava a um grupo homogêneo, mas que, na verdade, era impulsionado por mulheres de diferentes classes sociais e origens étnico-raciais, trazendo um olhar sobre os lugares que essas mulheres queriam alcançar e os desafios pelos quais iriam percorrer.

A autora faz menção a espaços que foram conquistados por essas mulheres para que sua mensagem fosse ouvida, em um dos exemplos citados podemos nomear a revista *d'A Mensageira*²⁴, no qual traziam suas reivindicações para plena atuação nas esferas da

²³ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936). 2009. 267 f. Tese (Doutorado)

²⁴ Lançada em 15 de outubro de 1897, na cidade de São Paulo, a revista *A Mensageira* circulou até 15 de janeiro de 1900. As páginas d'A Mensageira enaltecem os feitos da mulher dentro e fora do lar, seu papel nas ciências, nas artes, na literatura, divulgando nomes de mulheres que desempenhavam papel de destaque dentro e fora do

sociedade, sendo eles, direito à educação, direitos trabalhistas, participação em cargos públicos e assim por diante. Os pontos propostos dentro da leitura vão à raiz do que de um ponto de vista pode se caracterizar como um problema entre mulheres, pensando a nível territorial. Levando a refletir que se quisessem uma maior participação feminina dentro de pautas que as levassem a um nível de igualdade entre os gêneros era preciso atuar fortemente em programas de educação para essas mulheres, visto que, o cenário dos primeiros anos de República houve um grande número de pessoas saindo da zona rural para as metrópoles. Portanto, o planejamento desse tipo de esquema, a educação para mulheres em massa, iria trazer não só um aumento de mulheres intelectuais, mas também a compreensão de seu papel como mulher na sociedade. Antes de seguirmos é preciso pontuar que essa atuação vinha de grupos de feministas liberais, que acreditavam na libertação feminina baseada em classes sociais, ou seja, somente mulheres da elite deveriam ter o acesso a essa educação libertadora e as mulheres que eram submetidas a trabalhos exaustivos estavam “presas” nas condições em que viviam.

Apesar de tal circunstância, Rago, trás a luz a perspectiva operária, a atuação dessas militantes em prol de suas necessidades, operárias que atuaram tanto com o ofício da costura quanto em fábricas têxteis, um exemplo claro de narrativa voltada às operárias que é apontado pela autora é o romance escrito por Pagu²⁵ em *Parque Industrial*, em que trazia um papel de destaque a elas. Julgo pertinente trazer tanto a colocação de Rago (1995) como de uma autora chamada Caroline Gonçalves (2013)²⁶, onde ambas discutem sobre a trajetória dessas militantes que marcaram esses primeiros anos do século XX, dentre as citadas podemos

Brasil. Firmou um importante papel em defesa da abolição da escravatura e na defesa do voto da mulher (um pensamento muito avançado para a época). Tinha na educação a condição fundamental para a evolução da mulher. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brazileira/>

²⁵ Intelectual, jornalista, militante cultural – e política –, musa do antropofagismo andradiano, Patrícia Galvão (1910-1962) Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/a-jornalista-patricia-galvao-para-muito-alem-de-pagu/>

²⁶ Gonçalves, C. (2013). *Ernestina Lesina e o Anima e Vita: Trajetórias, escritos e a luta das mulheres operárias (inícios do Século XX São Paulo)*.

mencionar: Tibi²⁷, Matilde Magrassi²⁸, Isabel Bertolucci Cerruti²⁹, Maria Lacerda de Moura³⁰, Tereza Maria Carini³¹ e Maria Angelina Soares³². Que mesmo tendo participações em áreas distintas todas elas tinham por objetivos claros de lutar e conquistar um espaço onde essas mulheres fossem ouvidas.

Para entender como se deram essas lutas operárias é preciso partir da entrada dessas operárias nas fábricas e como se deu esse processo. A fim de questionar sobre os pontos que trouxe anteriormente trago os argumentos da autora Wanda Maleronka, em seu livro *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher*, onde a autora expõe como se deu a entrada das costureiras e os impasses que enfrentaram ao entrar no mundo fabril. Apesar de muitos pensarem que a entrada dessas mulheres ao operariado seria uma escolha, certamente se deu de modo contrário, foi justamente pela necessidade de classes mais abastadas terem que recorrer a mão de obra que estava sendo requerida.

Anteriormente citei que haviam duas opções para essas costureiras, onde ambas eram desfavoráveis, em que, seria o trabalho doméstico podendo ser em seu lar ou na casa da pessoa que solicitou o seu serviço. No entanto, é preciso lembrar que algumas dessas

²⁷ Apesar de ser citada em outros trabalhos acadêmicos como uma militante anarquista não obtive mais informações sobre sua trajetória na militância.

²⁸ Matilde imigrou da Itália para o Brasil junto a seu companheiro Luigi Magrassi, com o objetivo de dar continuidade às ações anarquistas que já havia iniciado em seu país. Junto de seu companheiro se uniu a grupos libertários e teatros sociais no Rio de Janeiro, ajudou na publicação de jornais anarquistas em São Paulo como “*Novo Rumo*” e “*Amigo do Povo*” os ajudando a transcrever do português para o italiano.

²⁹ A ítalo-brasileira Isabel Bertolucci Cerruti foi uma personagem importante da esquerda no Brasil. Sua atuação política mais expressiva ocorreu no interior do movimento anarquista em São Paulo. Militante com uma trajetória de ações expressivas como redatora em jornais engajados, oradora em assembleias, comícios e conferências, integrou e participou de diferentes associações, como o Comitê Feminino de Educação em São Paulo, a Federação Operária de São Paulo, a Associação Promotora de Instrução e Trabalhos para Cegos e provavelmente a Sociedade Italiana de Socorro Mútuo Lega Lombarda. Além do engajamento no âmbito político exerceu as funções como costureira, secretária, jornalista e propagandista. **Disponível em PDF:** https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1532987617_ARQUIVO_Anpuh.pdf

³⁰ Fundou a Liga Contra o Analfabetismo, onde lecionava gratuitamente. Passou a se interessar pelas idéias anticlericais e pedagógicas dos anarquistas. Em 1920, no Rio de Janeiro, fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que se destacaria na luta em favor do voto feminino. Em 1921 mudou-se para São Paulo e tornou-se ativa colaboradora da imprensa operária, publicando em jornais como A Plebe e O Combate. Em 1923 lançou a revista Renascença, publicação cultural voltada para a divulgação do movimento anarquista. **Disponível em PDF:** <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOURA.%20Maria.pdf>

³¹ Militante antifascista que nasceu em 27 de agosto de 1863 na Itália. se casou com o violoncelista Guido Rocchio e em 1890 migraram ao Brasil, para o Rio de Janeiro. Viveram em São Paulo e lá presenciaram toda a movimentação da primeira fase do anarquismo. Teresa era amiga e companheira de luta de socialistas, anarquistas e sindicalistas. Disponível em: Grigolin, Fernanda. "A Oradora como fotografia pública: ou por uma história visual do anarquismo." *Pergaminho* 10, 2019.

³² Maria Angelina Soares nasceu em São Paulo em 1901. Foi secretária da liga operária da Mooca em São Paulo no ano de 1915, e ajudou a fundar Centro Feminino Jovens Idealistas. Escreveu artigos, ministrou palestras, trabalhou no teatro anarquista em São Paulo e no Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu grupos de cultura social enquanto exerciam magistério particular em escolas anarquistas. Estreou na imprensa anarquista escrevendo o artigo “Assuntos femininos” no jornal *A Plebe*. Disponível em: Valadão, Marina Tannús. "Militância libertária feminina sob as lentes da História impressa", 2006.

costureiras que tinham esse serviço prestado, tinham um patrão que pagava pela sua atividade, caso contrário ser o que conhecemos hoje por ser autônoma não era muitas vezes tão lucrativo, o único lado que as “beneficia” é a descontração de um espaço fabril, porém podemos pensar nessa prática de atividade com o que conhecemos atualmente como *fast fashion*, em que se paga um preço pela peça de roupa bem abaixo do que se costuma vender e consequentemente o tipo de material costuma ser de baixa qualidade, trabalhadores são mal remunerados, ficam expostos a uma carga horária de trabalho excessiva e a alta demanda por produção de peças entre outros fatores.

Um dos obstáculos que a autora narra é a dificuldade de contabilizar de forma certa a quantidade de fábricas, oficinas e ateliê de pequeno porte, assim como a dificuldade em contabilizar a mão de obra utilizada em cada um desses espaços, pela questão do tamanho desses espaços, muitos locais de pequeno porte acabavam não sendo identificados no processo de mapeamento para gerar um censo estatístico da cidade. E foi pensando nessa questão que a autora menciona o mecanismo que realizava esses dados estatísticos que conhecemos como IBGE, mas que no período da Primeira República tinha o nome de ‘Estatísticas históricas do Brasil’, me despertou a analisar esses dados que o próprio site do IBGE do Rio de Janeiro consegue fornecer, então segue abaixo com as tabelas e dados do período:

IMAGEM 7:

7.3 — Resultados gerais do inquérito industrial, segundo os gêneros de indústria — 1912

GÊNEROS DE INDÚSTRIA	ESTABELECIMENTOS							CAPITAL APLICADO (contos de réis)	FORÇA MOTRIZ (HP)	PESSOAL EMPREGADO
	Total	Data de fundação					Sem designação			
		até 1849	De 1850 a 1869	De 1870 a 1889	De 1890 a 1909	De 1910 a 1913				
TOTAL	9 475	67	87	482	4 304	4 428	107	485 011	93 118,7	144 520
Indústrias extrativas										
Sal	756	53	45	130	342	153	33	20 294	96,0	7 170
<u>Indústrias têxteis</u>										
Tecidos (1)	198	1	4	46	92	51	4	295 503	76 558,8	73 179
Indústrias químicas	673	7	11	44	294	314	3	30 414	3 105,1	8 096
Especialidades farmacêuticas	455	6	8	35	208	195	3	6 837	399,6	1 675
Fósforos	32	—	—	1	13	18	—	11 269	1 761,0	4 757
Velas	14	1	—	3	8	2	—	7 410	662,0	582
Perfumarias	172	—	3	5	65	99	—	4 898	282,5	1 082
Indústrias de alimentação	1 934	2	7	100	945	857	23	74 092	8 281,2	14 253
Conservas (2)	230	—	1	9	74	144	2	12 243	1 801,5	4 102
Bebidas (3)	1 526	2	4	83	780	638	19	61 452	6 479,7	9 761
Vinagres	178	—	2	8	91	75	2	397	—	390
<u>Indústria do vestuário</u>	4 654	2	11	105	2 148	2 352	36	43 503	3 848,3	25 865
Chapéus (4)	343	—	4	14	133	192	—	13 382	1 885,3	4 843
Bengalás e chapéus-de-sol	128	1	4	7	73	43	—	4 072	6,0	650
Calçados	4 183	1	3	84	1 942	2 117	36	26 049	1 957,0	20 372
Outras indústrias	1 260	2	9	57	483	701	8	21 206	1 229,3	15 957
Fumo	1 251	2	9	56	479	697	8	19 081	994,3	15 298
Cartas de jogar	9	—	—	1	4	4	—	2 125	235,0	659

Fonte - Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectiva. Rio de Janeiro: IBGE, 1990

- (1) Fiação e tecelagem de algodão, de lã, de linho, de juta e obras de passamanaria (fitas, cadarços, tranças, rendas e bordados). (2) Biscoitos, chocolate, conservas de frutas e de legumes, conservas de carne e de peixe, massas de tomate. (3) Cerveja, bebidas alcoólicas e gasosas, xaropes, licores, vinhos, águas minerais artificiais. (4) Chapéus de feltro, de lã e de palha, bonés, chapéus para senhoras.

IMAGEM 8:

7. INDÚSTRIA

7.7 — Resultados gerais do censo industrial, segundo os grupos de indústrias — 1920

GRUPOS DE INDÚSTRIAS	ESTA- BELE- CIMEN- TOS	CAPI-TAL EMPRE- GADO (contos de réis)	FORÇA MOTRIZ (HP)	OPERA- RIOS	DESPESAS DIVERSAS						VALOR DA PRODU- ÇÃO
					Total	Salários e ordenados	Matéria- prima, materiais e componen- tes	Combusti- vel	Transpor-te e frete	Impostos	
TOTAL.....	13 336	1 815 156	310 424	275 512	2 233 139	349 467	1 628 354	58 185	81 323	115 810	2 989 176
Indústrias têxteis.....	1 211	706 415	140 117	112 195	611 415	113 024	441 666	16 840	15 021	24 865	825 401
Indústrias de couros, de peles e similares.....	424	40 371	6 140	4 605	48 717	6 810	38 949	736	1 705	518	63 229
Indústrias de madeiras.....	1 207	97 277	30 645	12 161	81 094	20 367	44 932	1 616	12 019	2 161	114 039
Metalurgia.....	509	67 157	8 421	14 147	76 165	22 695	45 993	4 612	2 167	698	103 646
Cerâmica.....	1 590	50 222	9 211	18 883	47 514	22 146	10 301	11 483	2 693	891	71 684
Produtos químicos (propriamente ditos) e produtos análogos.....	950	151 040	19 290	15 350	166 889	20 722	115 902	4 317	5 753	20 195	237 315
Indústrias de alimentação.....	3 969	521 606	71 737	51 871	922 245	72 068	743 287	14 554	34 351	57 985	1 200 119
Indústrias do vestuário e toucador.....	1 988	101 680	7 409	28 248	191 882	42 208	138 612	1 077	3 014	6 971	246 202
Indústrias do mobiliário.....	548	19 889	5 560	7 994	29 970	13 458	14 976	362	777	398	40 059
Indústrias de edificação.....	331	12 694	2 937	3 600	14 196	4 846	6 738	1 402	1 034	176	25 515
Construção de aparelhos transportadores.....	533	25 242	4 109	5 118	34 025	7 659	23 614	593	1 904	255	49 469
Produção e transmissão de forças físicas.....	29	15 873	4 518	479	2 891	1 254	274	524	769	70	4 056
Indústrias relativas às ciências, letras e artes.....											
Indústria de luxo.....	47	5 689	330	861	6 137	2 213	3 112	69	116	827	8 445

FONTE — Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990

NOTA: — As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

É possível observar que, no censo mencionado pelo livro, a definição da linha divisória entre a produção industrial e a das pequenas oficinas apresentou grandes desafios para os agentes responsáveis pela coleta de dados, resultando em discrepâncias no resultado final do censo. E essa definição apesar de ter sido relatada a partir da experiência dos locais em São Paulo também podemos analisar que essa base se aplica ao censo feito no Rio de Janeiro dos anos de 1912 e 1920. É reconhecido que não foi simples para os agentes aplicarem um critério uniforme para incluir ou excluir determinadas empresas no levantamento censitário. Por isso, recomendou-se que, nos censos futuros, uma definição mais clara do que se entende por produção de pequenas oficinas fosse adotada.

Dando seguimento aos problemas relatados sobre a vivência dessas costureiras, uma das formas que os patrões encontravam de burlar as regras de 8 horas de carga horária diária das operárias era uma alegação de “casos excepcionais”, que seria no caso das mulheres que eram obrigadas a se passarem por familiares para que a lei funcionasse. Não era incomum um expressivo número de meninas menores de idade trabalhando no ofício da agulha, afinal, o

pagamento seria menor, esse tipo de trabalho permitia que as meninas realizassem diversas tarefas nas oficinas, como limpeza, arremate, costura de peças mais simples, apoio na preparação de moldes e assistência no corte de tecidos, desempenhando um número significativo de atividades. Um exemplo do uso extensivo do trabalho de menores foi registrado no Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, o qual, em 1919, observou que, nas oficinas de roupas brancas e vestidos de mantôs da grande loja Mappin Stores, de um total de 66 trabalhadores, 60 eram mulheres, das quais três tinham entre 12 e 15 anos e 37 estavam na faixa etária entre 15 e 18 anos. Ainda havia um aprendiz de 10 anos, cuja função era buscar amostras de tecido. Na oficina de costura da Casa Mme. Martins, voltada para roupas de luxo, trabalhavam 12 mulheres, incluindo duas menores com idades entre 12 e 15 anos. Era comum encontrar meninas de 12 a 15 anos com tanta destreza manual que eram comparadas a costureiras mais experientes.³³

Outra série de negligências relatadas no livro refere-se às péssimas condições dos espaços fabris, que estavam longe de oferecer ambientes minimamente adequados ao trabalho. Maleronka narra o seguinte no jornal, do Partido Comunista Brasileiro, *Momento Feminino*³⁴:

“Nessa mesma oficina descrita pelo jornal, as operárias faziam suas refeições junto às máquinas. Pão, mortadela e banana formavam o prato forte. Algumas traziam marmitta com feijão”.³⁵

Essas fábricas eram marcadas pela clara ausência de um espaço higienizado, além de serem locais fechados, com pouca iluminação e, portanto, mal ventilados, tornando-se instalações improvisadas e precárias, onde a preocupação principal era apenas a maximização dos lucros. Esses ambientes refletiam uma negligência total em relação ao bem-estar dos trabalhadores, que enfrentavam condições insalubres e desgastantes, sem qualquer melhoria que visasse sua saúde ou segurança. E, por consequência, de má administração desses espaços muitas costureiras desenvolviam sérios problemas de saúde, como o caso da costureira Emilia Mossa Cabrera, que atuou como costureira por 42 anos e que direcionou uma carta solicitando

³³ Ferron, Wanda Maleronka e Ferlini, Vera Lucia Amaral. "Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (Sao Paulo-1920-1950)." (1996), p. 149.

³⁴ A revista *momento feminino* pertence ao Partido Comunista Brasileiro, onde apresentava os avanços conquistados pelas mulheres na luta por direitos e assumia um tom de denúncia, pontuando claramente a necessidade de participação feminina num cenário de tensão política nacional e internacional. Mas cabe ressaltar que a luta por conquista de direitos não estava somente para além do Partido, uma vez que o jornal "Momento Feminino" foi resultado do esforço desmedido das militantes, que acreditavam ser este um instrumento agregador e eficaz na conscientização e recrutamento de novas camaradas. Informação acessada na obra de: MARINHO, Carla Figueiredo; MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. Eneida de Moraes em "Momento Feminino": um jornal a serviço do seu lar. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, n. 13, p. 73-89, 2022.

³⁵ "Uma oficina de costura", em *Momento Feminino*, apud MALERONKA, op. cit. p.152.

ajuda financeira a instituição que trabalhou, na oficina Mappin, já que o resultado de todos esses anos de serviço lhe causou uma alergia crônica na região dos olhos, que a levou a invalidez do seu serviço. Além disso, eram comuns os relatos de problemas na coluna, tendo em vista que esses espaços eram mobiliados com cadeiras improvisadas, trazendo a má postura ao se sentar e ter que ficar assim durante horas sem pausa.

Relatos como esse são vistos em periódicos do estado do Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX em imagens como essa:

IMAGEM 9:



Fonte: Jornal 'A razão', Hemeroteca digital, 1919

IMAGEM 10:



Fonte: Jornal 'A razão', Hemeroteca digital, 1919

Apesar de relatar alguns dos obstáculos vividos por essas costureiras, no livro de Ferron e Amaral, podemos ver um exemplo mais claro de como se dava a participação dessas operárias em meio às suas reivindicações. A participação das operárias em manifestações políticas por meio de colunas de jornais nos anos iniciais do século XX foram fundamentais para dar visibilidade às demandas e condições adversas enfrentadas por essas mulheres. O jornal 'A Razão', entre outros que serão explorados ao longo da monografia, abriram espaço em suas colunas para que essas trabalhadoras fizessem suas reclamações e indagações, fazendo com que essas notícias chegassem a outros tipos de público que cada jornal alcançava, diferentemente de periódicos com viés político-social, como os jornais voltados somente aos operários ou aos anarquistas por exemplo. Ao expor suas queixas nos periódicos, essas operárias desafiavam o papel social restrito que lhes era imposto, usando a imprensa para construir uma rede de solidariedade e apoio que poderia ultrapassar as barreiras das fábricas. Através dessas colunas, temas como a luta por melhores salários, jornadas de trabalho dignas e condições de saúde e segurança foram colocadas em pauta, mostrando ao público a realidade cotidiana nas fábricas e ateliês. Além disso, essa atuação na imprensa contribuía para consolidar a presença de mulheres no movimento operário e político, reforçando a ideia de que elas também tinham voz ativa na luta por direitos e justiça social, desafiando as normas de gênero do período em que se encontravam.

Para finalizar, podemos observar ao longo das reflexões e questões que tratamos neste capítulo sobre a série de obstáculos que refletiam não apenas as dificuldades desse primeiro contato com o trabalho fabril das costureiras, mas também as barreiras traçadas pela questão do gênero e classe social. Essas mulheres enfrentavam condições adversas nos diversos setores da sociedade, mas, ainda assim, buscaram uma forma de fazer parte de organizações nas quais poderiam levar suas pautas e indignações, se mobilizando por meio de associações, usando a imprensa como um porta voz e um meio de se tornarem mais visíveis. Foi justamente por meio da sua coletividade que foram angariando direitos e inclusão em uma sociedade que naturalmente as excluiu. Justamente por isso, darei seguimento a essa pesquisa abordando um período crucial para parte da formação da historiografia feminina, que foram as greves operárias no anos de 1917 e 1919, em que contém momentos de grande relevância histórica que marcaram uma intensificação da luta por melhores condições trabalhistas. Junto a isso será discutido a participação que essas mulheres tiveram dentro desse contexto e como foram fundamentais na formação de um sindicato organizado por mulheres, União das Costureiras e classes anexas, que de forma significativa consolidou a presença feminina na luta operária.

2.2: Greves de 1917 e 1919 e a formação do sindicato da União das Costureiras e classes anexas

IMAGEM 11:



Sindicato de reformistas na celebração do 1º de Maio de 1913, na Vila Proletária Marechal Hermes, Rio de Janeiro

IMAGEM 12:



A Época, Hemeroteca, 1º de Maio de 1913

O dia 1º de maio, conhecido como Dia Internacional do Trabalhador, tornou-se uma data emblemática para o movimento operário do século XX, representando a luta coletiva por melhores condições de trabalho e direitos sociais. Instituído em memória dos Mártires de Chicago — trabalhadores que protestaram por uma jornada de oito horas diárias e foram reprimidos violentamente em 1886 — . No contexto do movimento operário, essa data se consolidou como um momento de reivindicação e solidariedade entre as classes trabalhadoras, proporcionando visibilidade às demandas por justiça social, redução das jornadas de trabalho e condições laborais dignas. Durante o século XX, o 1º de maio foi fundamental para fortalecer a consciência de classe e o engajamento político, reunindo tanto trabalhadores

industriais quanto operários de diversas áreas, inclusive costureiras, na busca por reformas que influenciaram diretamente as legislações trabalhistas em diversos países.³⁶

De forma breve busquei trazer uma contextualização aos movimentos que antecederam as greves de 1917 e 1919. Os primeiros anos do século XX foram marcados pelas fortes reivindicações do movimento operário em busca de alcançar uma vida mais digna. De forma breve preciso relatar alguns pontos que aconteciam no período das greves, onde, o mundo enfrentava a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil passava por um contexto social e econômico desafiador, impactado pela crise internacional, que em outra medida gerou uma alta demanda nacional por mão de obra, no entanto, pela escassez de produtos importados, que elevou os preços e gerou inflação e consequentemente os salários permaneceram estagnados no mesmo valor de antes da inflação³⁷.

Nesse contexto econômico marcado pelo aumento do custo de vida, os trabalhadores urbanos se organizaram em manifestações que pressionaram tanto o Estado quanto os empregadores a reavaliar as condições de vida dos operários nas cidades. A conjuntura de alta nos preços em 1913, por exemplo, foi caracterizada por três fatores, sendo eles: baixos salários a esses trabalhadores, crise habitacional, que levou esses operários a saírem das suas moradias por que os cortiços foram demolidos e foram levados e se designar para moradias em áreas suburbanas e, por fim, o aumento excessivo no preço dos alimentos básicos.³⁸

Esse contexto criou um ambiente favorável para a organização social dos operários, que começou a ganhar força em 1916 e alcançou maior expressão na primeira metade de 1917. Abaixo segue a notícia do periódico carioca noticiando o início da greve geral em São Paulo.

³⁶ Batalha, Claudio Henrique de Moraes “*O movimento operário na Primeira República*”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

³⁷ Batalha, op. cit. 49

³⁸ GOULART, K. C. Trabalhadores contra a carestia de vida: apontamentos sobre a historiografia dedicada aos estudos dos movimentos sociais de 1913 e 1917 na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Aedos*, [S. l.], v. 5, n. 13, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/41565>

IMAGEM 13:



A Noite, Hemeroteca, 17 de julho de 1917

O historiador Cláudio Batalha discorre em seu livro, *O movimento operário na Primeira República*, (2000), sobre esses momentos iniciais da greve de 1917, que teve início no estado de São Paulo, em 12 de junho. A greve eclodiu com a paralisação de 2.000 trabalhadores do cotonifício Rodolfo Crespi, localizado no bairro industrial da Mooca, em São Paulo. Os operários exigiam um reajuste salarial de 20%. Em 15 de junho, os grevistas organizaram uma passeata em busca de apoio e solidariedade de outros trabalhadores, mas enfrentaram repressão policial durante o ato. E em pouco tempo as notícias sobre as paralisações chegaram até o Rio de Janeiro, capital federal, através das Ligas Operárias pedindo para que os grevistas do Rio de Janeiro e outros estados se unissem à greve. Então no dia 19 de Julho o movimento grevista vai tomando conta da cidade, onde gradativamente grande parte dos sindicatos vão aderindo às paralisações, que evidentemente tiveram conflitos diretos com a polícia local, no entanto, a greve teve seu fim no dia 3 de agosto de 1917, na cidade do Rio de Janeiro, mas surpreendentemente o movimento grevista conseguiu se espalhar por diferentes localidades do estado.³⁹

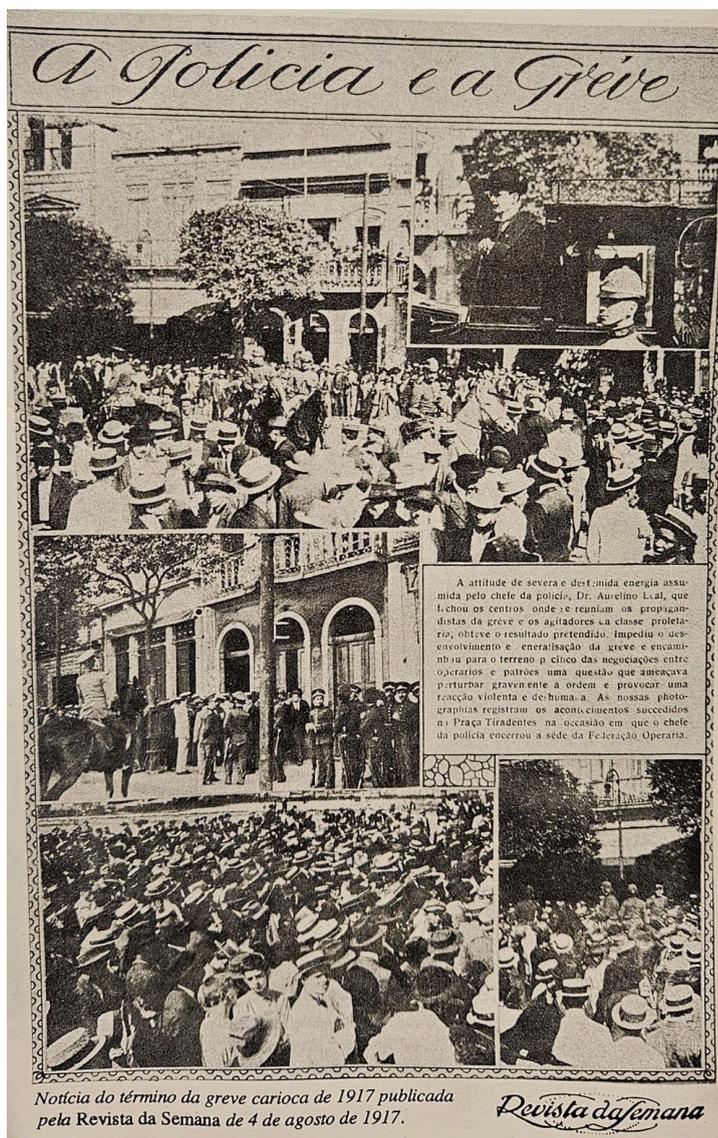
Batalha argumenta que muitos autores têm suas reflexões do por que a greve de 1917 foi considerada um momento revolucionário da história do movimento operário brasileiro, mas que, segundo sua perspectiva, o ato mais simbólico não estaria dentro das reivindicações solicitadas, mas sim dentro da proporção que o movimento se deu, tendo em vista que não foram greves primordialmente planejadas, mas já se cogitava que essa movimentação em algum momento próximo poderia acontecer. Podemos pensar que de certa forma essa

³⁹ CARRION, K. M. Raul. AS GREVES DE 1917 EM SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre. 2024. Disponível em: http://www.raulcarrion.com.br/greves_1917.asp

narrativa é válida pensando no contexto geral, onde a paralisação mobilizou trabalhadores de vários estados a levarem suas demandas a seus patrões em busca de uma vida mais digna, podendo ser considerado pelo autor o ponto mais alto que o sindicalismo revolucionário e o movimento anarquista pode chegar.

O movimento gerado pela greve de 1917 acabou perdendo seu formato aos poucos, visto que, assim que os setores de cada sindicato tinham suas pautas específicas atendidas acabavam por se retirar das paralisações, o que acabava tirando o objetivo principal que seria a unidade e colaboração de todos esses operários juntos. Considerando essas questões mencionadas, Batalha menciona que, além da capital e o estado de São Paulo terem passado por duras ondas de repressão contra suas associações de operários, da segunda metade de 1917 em diante, o movimento também teve um enfraquecimento com a entrada do país na guerra.

IMAGEM 14:



Revista da Semana, Notícia do término da greve carioca de 1917.⁴⁰

No espaço entre greves até o ano de 1919, houve alguns acontecimentos que desestimularam a continuidade das paralisações, apesar de terem ocorrido pequenas intervenções de movimentos operários em localidades específicas. Mas algo que definitivamente marcou o ano de 1918 foi a aparição da gripe espanhola no Brasil, momento em que foram decretadas muitas mortes pela doença.

⁴⁰ Retirada do livro: Gomes, Angela Maria de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988, p. 35. Texto referente a matéria do jornal: “A attitude de severa e destemida energia assumida pelo chefe da policia, Dr. Aurelino Leal, que fechou os centros onde se reuniam os propagandistas da greve e os agitadores da classe proletaria, obteve o resultado pretendido. Impediu o desenvolvimento e generalização da greve e encaminhou para o terreno cinco das negociações entre operarios e patrões uma questão que ameaçava perturbar gravemente a ordem e provocar uma reacção violenta e deshumana. As nossas photographias registram os acontecimentos succedidos na Praça Tiradentes na ocasião em que o chefe da policia encerrou a sede da Federação Operária.”

Essa coluna de jornal, publicada antes da greve de 1919, é uma rica fonte histórica que revela o contexto de desigualdade e exploração enfrentado pelas costureiras do Rio de Janeiro no início do século XX. Ela expressa uma crítica social que expõe o sofrimento das costureiras e sugere a urgência de uma intervenção estatal para proteger essas trabalhadoras.

“EM FAVOR DAS ABELHAS,

O Sr. prefeito da cidade, em um desses gestos que lhe são peculiares, assignou na 1º do corente, um decreto elevando todos os trabalhadores da Prefeitura a categoria de funcionarios publicos. A imprensa e o povo applaudiram o acto do governador municipal, que se collocava, assim a frente desse formidavel movimento em que se busca por bem ou por mal, estabelecer a libertação do operário.

E’ preciso, entretanto, que o prefeito, a imprensa, oh homens e as instituições que exercem alguma influencia sobre as forças orientadoras da sociedade, não se esqueçam de outrou seres mais explorados ainda, que existem na cidade. Eu me refiro ás costureiras, ás empregadas de casas commerciaes, a esses quinze ou vinte milhares de moças pobres que definham nos “ateliers” e nos escriptorios, ganhando como diaristas, e sujeitas a multas e descontos verdadeiramente vexatorios.

A situação dessas patricias nossas, que a honestidade e a pobreza afastaram da Avenida e dos salões opulentos, é a mais ingrata e dolorosa. O trabalho a que se acham sujeitas não se pode ser mais intenso nem mais fatigante. Entram para o “atelier” ás sete horas e trabalham até as onze, quando tem uma hora para o almoço, voltando ao meio-dia. E atiram-se de novo, á machina de costura ou á agulha, até as seis ou sete horas de actividade exhaustiva.

Mesmo assim, esse esforço ainda seria explicavel se fosse convenientemente recompensado. E não é isso o que succede. A moça de “atelier” ganha conforme a idade e o serviço, de tres a cinco mil réis por dia. A maioria percebe, porém, a média, isto é, quatro mil réis. E é com isso que uma moça moça deve se vestir, calçar, pagar bonde, sustentar mãe e irmãos pequenos e ainda, almoçar na cidade quando reside, como geralmente acontece, nos bairros distantes!....

As costureirinhas do Rio de Janeiro não têm quem se interesse por ellas. são orphãs da atenção dos ricos, apesar de serem, na sua actividade, as verdadeiras abelhas de luxo. Por que o Sr. prefeito, de accordo com as autoridades, não as toma sob a sua protecção organizando para ellas um novo regimen de trabalho e de compensações ? Ahi está a lembrança para florescer e fructificar. - X. X.” (Jornal *Imparcial*, 4 de maio de 1919, Hemeroteca)

A coluna começa por celebrar a recente medida do prefeito em favor dos trabalhadores da Prefeitura, destacando a pressão social para melhorar as condições dos operários em geral. Contudo, ela rapidamente muda o foco para denunciar a situação ainda mais precária das costureiras, "as verdadeiras abelhas de luxo", cuja condição de trabalho e remuneração são descritas de maneira visceral e angustiante. Esse texto mostra o espírito da luta que culminaria na greve de junho de 1919. Esse documento é, portanto, um prenúncio do movimento paredista de 1919 e reflete as tensões e o ambiente de transformação social que marcaram o período.

O ano de 1919 foi o período em que essas greves se intensificaram, pois, havia o fator que grande parte do patronato estava muito mais alerta sobre as possíveis táticas que os grevistas poderiam vir a tomar. Todavia, este estudo irá desenvolver a análise sobre os passos que as costureiras deram no ano de 1919 até a criação do sindicato das costureiras e classes anexas. Uma das formas encontradas para pesquisar sobre suas ações ao longo do ano foi ir mais afundo em nomes mais específicos, e em uma das buscas, encontrei um livro de relatos pessoais de militantes de diversos períodos diferentes. Em um desses relatos, encontro a anarquista Elvira Boni, que justamente em seu depoimento fala sobre um nome que os jornais deram a essas costureiras, que se chama *Abelhas de Luxo*.⁴¹ Existem algumas interpretações pelas quais coube essa nomeação às costureiras que irei abordar no próximo capítulo. No momento mostrarei essas aparições nos jornais e explicarei como se deu esse início.

IMAGEM 15:



A Razão, Hemeroteca, 18 de Junho de 1919

“Hontem, pela manhã, grande numero de costureiras, reuniu-se na séde da sua associação, para assentar a attitude que deveriam manter na presente greve. (...) Nessa reunião foram discutidos todos os problemas que se referem á explorada classe das costureiras e a greve foi o ultimo recurso que a classe lançou mão , visto terem sido tentados todos os meios suasorios para conseguir um entendimento com os patrões.”(*A Razão*, Hemeroteca, 18 de Junho de 1919)

Esse foi um dos textos que estão presentes na coluna do jornal *A Razão*, onde as próprias operárias relatam suas reivindicações, que apesar de já terem sido mencionadas, suas demandas permanecem as mesmas, sendo elas: um dia de descanso semanal, estabilidade no pagamento mensal, reconhecimento da União, horário de entrada e saída, tendo o horário para

⁴¹ Gomes, Angela de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*. J. Zahar, 1988.

almoço e no restante faz o requerimento de uma mudança de salário para todos os setores da costura.

Para ter uma coleta de informações mais precisa me baseei no artigo da historiadora Beatriz L. Campos, *Companheiras em greve: o movimento paredista da União das Costureiras em junho de 1919*, (2021), onde colhe informações mais precisas sobre como se deu esse acontecimento. A autora destaca a união das trabalhadoras como um fator crucial para o sucesso do movimento, sublinhando como a organização coletiva permitiu que elas articulassem suas demandas e ganhassem visibilidade. O estudo também aborda o contexto social e político da época, em que os movimentos sindicais e femininos começavam a se fortalecer, especialmente nas grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Como podemos perceber pela foto acima, a paralisação das costureiras se deu no dia 18 de junho, onde na parte da manhã do primeiro dia se reuniram em assembleia na sede do alfaiates⁴² e ao longo do dia conseguiram angariar mais voluntárias para a paralisação. Suas principais metas eram denunciar os estabelecimentos que não cumpriam as medidas básicas de trabalho.

Alguns jornais, como *A Razão*, divulgaram no segundo dia de greve os bairros que estavam realizando reuniões e comissões para dar continuidade a greve. Dentre os bairros mencionados podemos listar: Santo Aleixo, Bangu, Vila Isabel, Gávea, Caju e Laranjeiras⁴³. A greve permaneceu por muitos dias. As operárias enfrentaram diversas situações de abuso por parte do patronato, algumas foram impedidas de entrar nas fábricas/ateliês, outras recebidas com baldes de água para expulsá-las e houve até o caso de demissões em massa por apoiarem as paralisações, mas elas permaneciam firmes a fim de conquistar suas demandas. Para poder localizá-las de uma forma mais clara, muitas dessas greves aconteceram no centro da cidade do Rio de Janeiro, região em que concentravam a maioria das fábricas e ateliês de costura. Campos não revela muitos detalhes quando se deu exatamente o fim dessa greve, mas a autora acredita que a data se aproxima do dia 2 de julho e que, felizmente, as trabalhadoras conquistaram as 8 horas de jornada no trabalho.

A União das Costureiras foi fundada em 18 de maio de 1919, algumas semanas após uma manifestação feita na praça Mauá em comemoração ao Dia do Trabalhador. O sindicato conseguiu o apoio de centenas de operárias que trabalhavam no mesmo ofício, podendo

⁴² Jornal *A Rua*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1919, ed. 00164

⁴³ *A Razão*, Rio de Janeiro, 19 junho de 1919 ed. 00910

contabilizar mais de 30 fábricas e estabelecimentos de costura ao longo da cidade do Rio de Janeiro. A construção da União das Costureiras em meio às greves de 1919 representa um importante marco no movimento operário feminino no Brasil e oferece um olhar sobre a organização coletiva das mulheres trabalhadoras no início do século XX. Para as costureiras, essa organização foi especialmente desafiadora, pois elas enfrentavam não apenas a exploração capitalista comum aos trabalhadores, mas também preconceitos de gênero e uma invisibilidade generalizada na sociedade e no movimento operário.

A fundação da União das Costureiras em 1919 representa um marco no movimento operário feminino, especialmente durante as greves daquele ano, quando as costureiras cariocas se uniram em busca de melhores condições de trabalho e dignidade. Essa organização sindical possibilitou que trabalhadoras, antes dispersas entre ateliês e pequenos espaços de produção, articulassem suas demandas de maneira coordenada, enfrentando a exploração e a invisibilidade social. Além de abrir caminhos para a conquista de direitos, a União das Costureiras desafiou a visão passiva das mulheres no trabalho, mostrando que eram agentes ativas de transformação. Essa coletividade operária foi essencial para consolidar uma consciência de classe e gênero, criando um legado que inspiraria futuras lutas. No próximo capítulo, a trajetória de Elvira Boni, uma das figuras anarquistas mais influentes na União das Costureiras, será abordada como exemplo da importância da militância feminina na organização e mobilização das trabalhadoras.

CAPÍTULO 3: ELVIRA BONI COMO PARTE DO PROTAGONISMO FEMININO NO MOVIMENTO OPERÁRIO

3.1: Trajetória pessoal e conquistas sindicais

Neste último capítulo, pretendo retomar a atuação de uma figura feminina importante para a historiografia da história das mulheres no Brasil e que deu origem a todas as minhas buscas sobre o movimento operário atrelado à participação feminina: Elvira Boni Lacerda (1899-1990).

A fonte que vai dar o corpo deste capítulo é a obra "*Velhos militantes: depoimentos*" (1988), sendo conduzidas pela historiadora Angela de Castro Gomes. Sua primeira intenção com essas entrevistas era compor sua tese de doutorado, tinha objetivo principal analisar como se deu o processo de formação identitária da classe operária no Brasil, com ênfase territorial no Estado do Rio de Janeiro, por esse motivo, também, entrevistou quatro militantes diferentes e de períodos diferentes da historiografia do nosso país, além de Elvira Boni Angela em conjunto com outros pesquisadores também entrevistou João Lopes, Eduardo Xavier e Hilcar Leite. Precisamos pensar também no ano em que é feita a publicação da obra, onde a década de 80 foi marcada pelo fim da ditadura civil-militar (1964-1985) e o período da redemocratização brasileira, no qual livros como esse entre outros demonstram o interesse desses pesquisadores por estudos voltados para o sindicalismo e as lutas do movimento operário. Em sua análise utiliza principalmente de fontes escritas, no entanto, Angela descreve a história oral como um recurso que é capaz de enriquecer sua narrativa, afinal está de frente com a fonte que deseja pesquisar. Por esse motivo que analiso o livro de depoimentos, apesar de Elvira já ser uma mulher com certa idade, suas memórias e relatos do período de militância são ricos em detalhes.

Elvira Boni Lacerda nasceu em 1899, em Espírito Santo do Pinhal, no interior de São Paulo, filha de imigrantes italianos que desembarcaram no porto de Santos com outros 3 outros filhos, em busca de melhores condições de vida. Seu pai, metalúrgico, logo teve contato com os ideais anarquistas e socialistas, associando-se ao "Círculo Socialista Dante Alighieri" em Pinhal e dedicando-se à leitura de jornais e livros para aprofundar sua compreensão sobre os movimentos socialista-anarquistas. A família passou por várias localidades em São Paulo e Minas Gerais antes de se estabelecer no Rio de Janeiro, Quando tinha 8 a família se mudou para o Rio de Janeiro, o pai de Elvira trabalhou inicialmente na Fundação Indígena, na rua Camerino e em 1909, abriu uma oficina na rua Barão de São Félix, no centro da cidade. Esse ambiente politizado e de constante migração moldou a formação social e cultural de Elvira desde a infância.⁴⁴

Enquanto seu pai, Angelo Boni, se engajava em grupos anarquistas e anticlericais, onde nesse mesmo ano seu pai fundou uma Liga Anticlerical, Elvira crescia em uma rotina que combinava responsabilidades domésticas e trabalho. Sua mãe, Tersilla Aciratti, profundamente religiosa, transmitia às filhas os ofícios do lar, enquanto Elvira também

⁴⁴ de Castro Gomes, Angela Maria. *Velhos militantes: depoimentos*. J. Zahar, 1988. p. 20

ajudava a cuidar de um irmão doente. Ainda jovem, Elvira e suas irmãs começaram a trabalhar como costureira para contribuir com o sustento da família. A família participou ativamente de encontros anticlericais na rua Marechal Floriano, no centro do Rio, fortalecendo a ligação com o movimento anarquista. Além disso seus irmãos também participavam de associações anarquistas para metalúrgicos, fundando o sindicato União Geral dos Metalúrgicos no Rio de Janeiro. Inicialmente, viveram na rua Costa Ferreira, também no centro, e depois se mudaram para o bairro Cordovil. Esse contexto familiar e comunitário foi essencial para que Elvira desenvolvesse suas ideias e se tornasse uma figura importante no movimento operário nas primeiras décadas do século XX.⁴⁵

Embora seu pai fosse o principal responsável pelo sustento da família, Elvira sentia a necessidade de trabalhar, tanto para contribuir financeiramente, caso fosse necessário, quanto para aprimorar suas habilidades na costura. Sua irmã mais velha já trabalhava como costureira, embora de forma mais informal, o que também serviu de incentivo para Elvira seguir o mesmo caminho. Ela começou sua jornada como aprendiz em uma oficina de costura, onde realizava tarefas simples e muitas vezes exaustivas, como catar agulhas do chão, varrer as salas e fazer pequenos pontos em peças de roupa. Apesar do trabalho árduo, Elvira passou meses sem receber qualquer remuneração. Quando finalmente recebeu seu primeiro pagamento, comentou que o valor era tão baixo que mal cobria os custos de transporte até o local de trabalho. Essa prática exploratória era comum nas oficinas de costura da época, como citado anteriormente, que contratavam meninas jovens justamente pela possibilidade de oferecer salários irrisórios, justificando o baixo custo com o argumento de que elas estavam apenas aprendendo o ofício⁴⁶.

No início, as colegas de trabalho de Elvira desconheciam sua participação ativa em ligas anticlericais e grupos anarquistas. Essa falta de conhecimento sobre seu envolvimento político fazia com que a relação delas com Elvira fosse bastante cordial. Em sua entrevista, Elvira relata que era tratada com respeito e consideração por suas companheiras, principalmente devido ao seu comportamento sempre exemplar no ambiente de trabalho. Ela se dedicava às suas tarefas com seriedade e demonstrava um caráter íntegro, o que contribuía para sua boa reputação entre as outras costureiras. Esse aspecto de sua personalidade fez com que, mesmo antes de se tornarem cientes de seu engajamento ideológico, as colegas a vissem

⁴⁵ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p.22

⁴⁶ Idem, p.24.

como uma figura digna de confiança e admiração, estabelecendo uma base de respeito mútuo no cotidiano profissional.⁴⁷

Durante a entrevista, Elvira relembrou detalhes da rotina e dos horários na oficina de costura onde trabalhou. O expediente começava oficialmente às 8h da manhã, mas as aprendizes eram obrigadas a chegar antes para organizar o ambiente e preparar tudo para o início do trabalho. Apesar da longa jornada e das condições exigentes, a proprietária da oficina, conhecida como "madame", oferecia uma refeição às trabalhadoras, que consistia no almoço. Contudo, Elvira destacou que a comida servida era de qualidade muito baixa, com preparo descuidado e poucos nutrientes, insuficiente para sustentar o vigor necessário para um dia de trabalho tão cansativo. Em contraste, a refeição destinada à dona da oficina era bem diferente, com pratos mais elaborados e nutritivos, evidenciando as desigualdades dentro daquele espaço. Um fato que chamou ainda mais a atenção de Elvira foi que a madame residia no mesmo local onde as peças eram produzidas, unindo no mesmo espaço o ambiente de trabalho das costureiras e sua vida privada. O que nos leva a pensar sobre essa proximidade que reforçava o controle que ela exercia sobre as operárias e tornava ainda mais evidente a separação entre os privilégios da dona e as dificuldades enfrentadas por suas funcionárias.⁴⁸

Como muitas costureiras de sua época, Elvira possuía sua própria máquina de costura. A primeira delas era uma máquina vinda da Itália, mas, algum tempo depois, seu pai adquiriu uma da renomada marca Singer. Elvira reconhecia, contudo, que não era fácil ter acesso a uma máquina dessas, pois os preços eram altos em comparação com os salários das costureiras. Naquele período, uma ajudante ganhava, em média, entre 40 e 80 mil-réis, enquanto uma costureira mais experiente, como uma saieira, podia receber de 120 a 150 mil-réis. Esse cenário tornava a compra de uma máquina de costura um investimento significativo, muitas vezes acessível apenas com a ajuda de familiares ou através de economias consideráveis. Elvira também menciona outra oficina de costura que também trabalhou que se chama 'Casa Osório', sem deixar de notar que a entrevistada menciona que muitos ateliês e espaços de costura se localizavam em ruas principais do centro do Rio de Janeiro, como Rua Sete de Setembro, Rua da Assembléia e Rua do Ouvidor,⁴⁹ e em outro momento menciona que seu pai chegou a alugar uma loja para que pudesse trabalhar por conta própria como costureira e assim fez por um tempo, seu pai alugou um espaço na Rua

⁴⁷ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p. 26.

⁴⁸ Idem, p. 28.

⁴⁹ Ibidem, p. 31.

Camerino. No entanto, não ficou muito tempo com esse espaço, pois, estava enfrentando alguns dilemas administrativos com as funcionárias, justamente por participar do sindicato e entender os problemas dessas operárias, então, percebeu que seu maior motivo de estar trabalhando onde estava era para que pudesse conseguir conquistar uma aliança entre as costureiras em prol de conquistar direitos que protegessem as operárias, então, logo voltou ao sindicato, para que pudesse lutar em favor de suas colegas de trabalho.⁵⁰

Elvira também destacou as dificuldades enfrentadas pelas mulheres costureiras ao engravidarem. Na ausência de qualquer tipo de suporte ou legislação trabalhista que as amparasse, muitas eram forçadas a deixar seus empregos quando tinham filhos. Nesse contexto, muitas delas buscavam formas de trabalhar em casa, recorrendo a tarefas como lavar roupas ou realizar pequenos serviços de costura para manter alguma renda. No entanto, não era comum que as oficinas contratassem esses serviços externos de mulheres afastadas por questões de maternidade. Apesar disso, a ‘Casa Osório’, onde Elvira trabalhou, era uma exceção, aceitando encomendas dessas costureiras, o que proporcionava alguma chance de continuidade para aquelas que precisavam conciliar o cuidado dos filhos com a manutenção do sustento familiar. Essa prática, ainda que limitada, oferecia uma alternativa em meio às adversidades enfrentadas por essas mulheres no mercado de trabalho.⁵¹

⁵⁰ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p. 32.

⁵¹ Idem, p. 31.

IMAGEM 16:



Revista da Semana, “Manifestação de 1º de maio de 1919”, registrada no dia 10 maio de 1919.⁵²

A manifestação do 1º de maio no Rio de Janeiro marcou um momento importante para o movimento operário da época. Grande parte dos participantes do manifesto já estava vinculada a grupos anarquistas, que desempenhavam um papel central na organização e mobilização dos trabalhadores. Esse evento, mais do que uma celebração do Dia do Trabalhador, foi uma plataforma para reforçar a luta por melhores condições de trabalho e direitos sociais. Inspiradas pelo impacto do comício, algumas mulheres decidiram dar um passo além e fundar uma entidade que representasse especificamente suas demandas e interesses. Assim, no dia 18 de maio de 1919, foi criada a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas e dentre as integrantes, quem se destaca pela instauração desse sindicato é

⁵² Gomes, Angela de Castro, op.cit., p. 36 e 37.

Registros retirados da imagem das notas do livro: “No 1º de maio de 1919 o Rio de Janeiro presenciou possivelmente a maior manifestação operária da Primeira República. Uma grande passeata se deslocou da Praça Mauá pela avenida Rio Branco, encerrando-se defronte ao Teatro Municipal. A Revista da Semana registrou o acontecimento no número de 10 de maio de 1919.

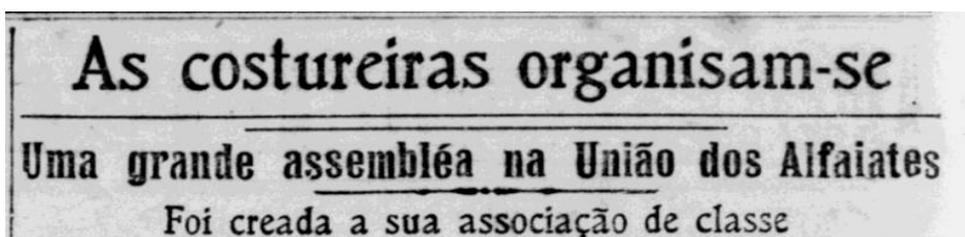
mencionado no livro de depoimentos sendo: Elvira Boni, Elisa Gonçalves de Oliveira, Aída Morais, Isabel Peleteiro e Noêmia Lopes.⁵³

Esse sindicato surgiu como uma resposta direta às necessidades das trabalhadoras, que enfrentavam jornadas extenuantes, baixos salários e ausência de garantias legais. A fundação da União foi um marco significativo, pois uniu diferentes categorias de mulheres do setor de confecção, fortalecendo sua capacidade de reivindicação coletiva. Além disso, a iniciativa refletiu o crescente protagonismo das mulheres no movimento operário, desafiando as barreiras sociais e culturais que buscavam restringir sua atuação política e sindical.

A União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas tinha sua organização baseada nos princípios do anarquismo, o que significava a ausência de uma estrutura hierárquica rígida. Em vez de cargos autoritários, a entidade possuía funções específicas, como secretárias, tesoureiras e outras posições necessárias para o funcionamento do sindicato. Apesar dessa divisão de responsabilidades, a gestão coletiva era uma característica central, reforçando o ideal de igualdade entre as participantes.⁵⁴

O que torna esse sindicato particularmente notável e despertou meu interesse em estudá-lo é o fato de ser uma organização dirigida exclusivamente por mulheres. Essa liderança feminina não era apenas uma exceção em um período histórico dominado por lideranças masculinas, mas também um marco de empoderamento e autonomia em um contexto de opressão de gênero. A União se destacou por oferecer às trabalhadoras um espaço onde elas podiam exercer sua voz política, organizar suas demandas e lutar coletivamente por melhores condições de trabalho. Essa singularidade não só evidencia o papel ativo das mulheres no movimento operário, mas também desafia as narrativas tradicionais que frequentemente invisibilizam ou minimizam suas contribuições.

IMAGEM 17:



⁵³ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p. 33.

⁵⁴ Idem, p. 33.

A Razão, Hemeroteca, 19 de Maio de 1919⁵⁵

Na imagem acima podemos ver o anúncio que o jornal fez na primeira reunião das costureiras, relatado por Elvira no livro de depoimentos. A primeira reunião das costureiras aconteceu na sede da União dos Alfaiates e contou com a presença de cerca de 200 mulheres, representando diferentes áreas de confecção, conforme registrado pelo jornal da época. A publicação destacou de forma especial a participação de algumas figuras importantes do movimento, como Elisa Gonçalves, Elvira Boni e Carmen Ribeiro, reconhecendo suas contribuições para a organização e fortalecimento da luta das trabalhadoras. Abaixo reproduzo alguns trechos interessantes retirados dessa matéria do jornal:

“Minhas colegas! Minhas companheiras! - E’ com grande prazer que tenho hoje, pela primeira vez na minha vida, a ocasião de ver as costureiras reunidas nessa casa, onde os trabalhadores alfaiates, honrados e altivos e nossos parentes, pleiteiam dignamente mais um pouco de bem estar, mais de beneficio, mais um pouco de descanso, para poderem aconchegar-se junto às suas famílias, repousando das fadigas do trabalho do dia.” (..)

“Se os homens, colligados, energicos e bem unidos podem conquistar as melhorias pelas quaes, consciestamente se batem, porque motivos nós, as mulheres, que também trabalhamos sem treguas, nem descans, dez, onze e doze horas diarias, sofrendo as arrogancias dos patrões, por quem nós, tambem, companheiras, firmes e unidas não podemos vencer a nossa causa?

Nós que somos tratadas de “sexo fraco” e que, dizem, dever ter conosco um modo de tratar mais delicado e mais suave, porque razão nos impingem mais horas de trabalho, sem ter quasi o tempo preciso para uma ligeira refeição? O “sexo fraco”, por conseguinte, sujeito a essas irregularidades, a essa escravidão, não acaba, talvez, demonstrando que é mais forte do que o “sexo forte”?

Se reconhecemos a nossa força, pois, porque motivo não fazemos uso della para nos unir como um só bloco contra a ganancia dos nossos patrões que são os carrascos, os nossos exploradores?” (...)

“Mãos á obra, pois, companheiras! Que cada uma de vós aqui presente se esforce no maximo das suas forças para obter o maior numeor de adhesões e o que é preciso fazer sem demora.” - “Sejamos, altivas, sejamos unidas, sejamos fortes e, sobretudo, compreendamos perfeitamente os nossos direitos e nossos deveres e a vetoria será incontestável. - Viva a União das Costureiras” (...)

(*A Razão*, Hemeroteca, 19 de Maio de 1919)

⁵⁵ É possível perceber um detalhe importante, que seria o título e a matéria estando em primeira página do jornal, com grande destaque tanto no título como no rico enredo e discurso feito pelas idealizadoras da União.

No encerramento do texto, o autor destacou a solidariedade demonstrada pela União dos Alfaiates ao ceder seu espaço para que as costureiras pudessem realizar suas reuniões regularmente. Além disso, o endereço da sede, localizado na Rua da Alfândega nº 182, foi divulgado no jornal como forma de atrair mais interessadas e ampliar a participação no movimento. Essa atitude de apoio entre diferentes categorias do setor de confecção reflete a importância da união e da cooperação no fortalecimento das lutas trabalhistas.

O autor também abordou a organização interna do sindicato das costureiras, mencionando a divisão de cargos e destacando que Elvira Boni ocupava o posto de tesoureira. Esse detalhe merece atenção, pois assumir uma posição de tanta responsabilidade financeira era algo significativo e incomum para uma mulher naquela época, evidenciando sua credibilidade. Para enriquecer ainda mais o relato, o jornal listou os nomes de várias oficinas e ateliês pelos quais essas operárias decidiram se unir ao sindicato, demonstrando a abrangência e a diversidade do movimento. Entre os estabelecimentos mencionados estavam: Madame La Costa, Arte de La Moda, Salgado Zenha, Madame Silva, A Fama, Madame Lassage, A Moda, Águia de Ouro, Casa Leitão, La Parisiense, além de outros 28 nomes citados. Essa ampla rede de participantes ilustra a relevância da União no cenário operário e o engajamento das costureiras de diferentes locais e contextos na luta por seus direitos.

Um ponto relevante a se destacar é que a associação das costureiras não tinha como único objetivo organizar suas pautas para a conquista de direitos trabalhistas. A entidade também desempenhava um papel importante na capacitação e no desenvolvimento profissional de suas integrantes. Nesse sentido, além de lutar por melhores condições de trabalho, a associação promovia iniciativas voltadas para a educação e a qualificação das costureiras. Entre as propostas, foram anunciadas futuras aulas de português, ressaltando a importância da alfabetização em um contexto onde muitas trabalhadoras não tinham acesso à educação básica.⁵⁶

Além disso, a oferta de aulas de francês também chamou atenção, possivelmente esses cursos visavam facilitar a comunicação com as proprietárias de ateliês de origem francesa, que eram comuns no cenário da moda carioca da época. Essas iniciativas demonstram o compromisso da associação com a formação integral das costureiras, ampliando suas oportunidades e autonomia. No manifesto divulgado, a associação também fez um chamado às costureiras do Rio de Janeiro, convidando-as a se filiarem ao sindicato mediante uma

⁵⁶ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1919.

contribuição mensal de 1\$000 réis⁵⁷. Esse convite reflete o desejo de expandir o movimento e fortalecer a união da categoria, mostrando que a luta por direitos estava alinhada a uma visão de crescimento coletivo e emancipação educacional e profissional.

Aproximadamente três meses após os primeiros encontros organizados pelas costureiras, Elvira narra a realização de mais uma greve significativa para a categoria. Durante essa mobilização, foi elaborado um memorial detalhando as reivindicações das trabalhadoras, que foi enviado às proprietárias dos ateliês e oficinas de costura. Elvira relata ter ficado surpresa com a facilidade com que conseguiu levar essas demandas à atenção da imprensa, em especial ao *Jornal do Brasil*⁵⁸. A cobertura do jornal contribuiu para dar visibilidade ao movimento, culminando na importante conquista da jornada de trabalho reduzida para oito horas diárias, uma vitória essencial para as operárias.⁵⁹

No entanto, organizar a paralisação não foi tarefa simples. Era necessário mobilizar as costureiras, e essa etapa do processo exigia chamar diretamente as trabalhadoras, muitas vezes em meio à resistência de patrões e à vigilância das autoridades. Em um desses momentos de convocação, Elvira recorda um incidente marcante: algumas de suas companheiras foram detidas pela polícia enquanto estavam na Rua dos Andradas, provavelmente sob a acusação de perturbação da ordem. Ao saber do ocorrido, Elvira foi imediatamente ao local e conseguiu interceder para que as colegas fossem liberadas. Esse episódio demonstra não apenas o clima de tensão que envolvia as mobilizações operárias, mas também a coragem e determinação dessas operárias em defender suas companheiras e garantir a continuidade da luta coletiva.⁶⁰

Ao se encaminhar para as últimas considerações do capítulo é preciso trazer um destaque que marcou a trajetória de Elvira Boni enquanto militante ativa no movimento operário, que seria a sua célebre participação enquanto União das Costureiras no terceiro Congresso Operário Brasileiro.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Apesar da própria Elvira mencionar em seu depoimento (p. 34), que a notícia sobre a “greve das abelhas de luxo” estava no *Jornal do Brasil*, não foram encontradas nenhuma informação na hemeroteca sobre a greve, onde o período que ela diz ter começado a paralisação foi no mês de agosto, três meses após a criação do sindicato da União das Costureiras.

⁵⁹ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p. 34.

⁶⁰ Idem, p. 34.

IMAGEM 18:

Sessão de encerramento do III Congresso Operário Brasileiro, presidida por Elvira Boni em 30 de abril de 1920⁶¹

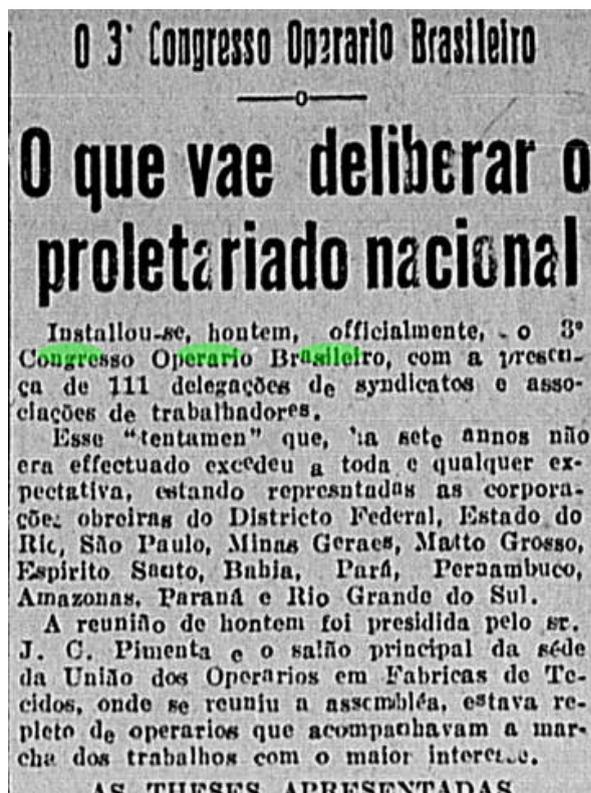
IMAGEM 19:

“Elvira Boni na mesa diretora do 3º Congresso Operário Brasileiro, 1920 (Rodrigues, s.d.).”⁶²

⁶¹ Gomes, Angela de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*, op.cit, p.37. Dentro do livro há uma pequena incongruência com a numeração das páginas, nesta parte do livro onde estão contidos as fotos não tem numeração contínua, o número das páginas só continuam quando retornam na parte escrita novamente, então a página ‘37’ que selecionei foi baseada na contagem de páginas regular.

⁶² Hardman, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 266. Apud. CAMPOS, Beatriz Luedemann. "Avante, companheiras!": as lutas sindicais das operárias do Rio de Janeiro na União das Costureiras a partir da trajetória de Elvira Boni." *Monografia (Graduação)–Universidade Federal de São Paulo, São Paulo* (2021), p. 65.

IMAGEM 20:



A Rua, Hemeroteca, 26 de abril de 1920⁶³

Elvira Boni e Noêmia Lopes foram as únicas mulheres presentes no Congresso, em meio a centenas de delegados. Temas que envolviam as mulheres foram abordados no congresso, como trabalho noturno, igualdade salarial e abusos nos espaços de trabalho. Um ponto de destaque foram as considerações de Elvira sobre a mesa de encerramento do evento, conforme o trecho reproduzido abaixo:

“Eu era um pouco inibida nessa ocasião, não me achava com grande possibilidade de conversar, de dissertar sobre os assuntos. Sabia o que queria, mas não sabia me expressar. Mas presidi a última sessão do congresso, quiseram que eu presidisse.”⁶⁴

“(…) que se estabeleça no trabalho um ambiente de respeito, repellindo a brutalidade dos patrões, intensificando a campanha no sentido de que para ellas seja

⁶³ A reportagem encontrada na capa do jornal descreve como se deu o início do congresso operário na cidade do Rio de Janeiro e relata alguns tópicos que foram abordados nas reuniões, dentre eles, destacam-se: ações sindicais, educação do operário, métodos de organização e táticas de luta, entre outros pontos.

⁶⁴ Gomes, Angela de Castro, op. cit. p. 36.

abolido o trabalho noturno e os seus salarios equiparados aos dos homens.” (*Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 01 mai. 1920)⁶⁵

Em 9 de maio, às costureiras da União divulgaram na *Voz do Povo* um chamado às trabalhadoras para comparecerem à próxima assembleia, reforçando a relevância da unidade e da resistência coletiva através do sindicato⁶⁶. E como podemos analisar o trecho acima retirado do jornal *Voz do Povo*, é possível perceber a colaboração efetiva que esse periódico tinha em favor da causa operária. A União das costureiras destaca que a organização sindical era essencial para a proteção dos interesses das trabalhadoras, especialmente diante das condições adversas impostas pela exploração patronal.

Em relação à participação da União das Costureiras no Terceiro Congresso Operário, consideraram esse momento como uma "grande missão", enfatizando a importância de seguir as orientações discutidas durante o evento para fortalecer a luta operária feminina. O comunicado reiterava o compromisso com a mobilização contínua das mulheres. O texto foi encerrado com um encorajamento fervoroso: "Avante, companheiras! – Associai-vos! Todas à União!", ecoando o chamado à ação e à solidariedade que permeava a atuação da organização.⁶⁷

Apesar de todos os esforços realizados pela União das Costureiras — que incluíram inúmeras reuniões, paralisações e mobilizações em busca de dignidade e melhores condições de trabalho — a organização encerrou suas atividades em 1922. Segundo relato de Elvira Boni, um dos principais fatores que levou ao fim da associação foi a falta de interesse e engajamento de muitas mulheres em participar ativamente das reuniões e atividades do sindicato. Mesmo após a marcante greve de 1919, que estabeleceu o início do sindicato das costureiras, várias trabalhadoras permaneciam receosas. O medo de represálias, como demissões ou mesmo prisões pela polícia, fazia com que muitas hesitassem em se comprometer mais profundamente com o movimento. Essa postura refletia uma ponderação constante: entre lutar por seus direitos e preservar sua sobrevivência imediata, muitas acabavam optando pela segunda opção, dadas as dificuldades do contexto social e político da

⁶⁵ Apud. CAMPOS, Beatriz Luedemann. "Avante, companheiras!", p. 66.

O jornal *Voz do povo*, que inaugurou no ano de 1920, um jornal da Federação operária do Rio de Janeiro. Suas mensagens dentro do jornal eram escritas por sindicalistas junto a militantes anarquistas, nesse sentido o jornal desempenhou um papel fundamental ao relatar eventos como greves, comícios e a organização de sindicatos.

⁶⁶ *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 09 mai. 1920.

⁶⁷ Campos, op. cit. p. 68.

época. Essa falta de adesão foi um dos fatores cruciais para o enfraquecimento e eventual dissolução da União.⁶⁸

Outro aspecto que contribuiu para o encerramento das atividades da União das Costureiras foi a desconexão de muitas costureiras com a identidade operária. Muitas dessas mulheres tinham dificuldade em se reconhecer como parte da classe trabalhadora, enxergando-se mais como artistas do que como operárias. Essa percepção se dava, em parte, pelas diferenças no ambiente de trabalho: enquanto as operárias de fábricas lidavam com diferentes tipos de máquinas, como exemplo as fábricas têxteis, as costureiras de ateliês trabalhavam em espaços que se distanciavam do espaço fabril, produzindo roupas sob medida e de maior valor, onde o público alvo eram mulheres de classes mais altas⁶⁹. Essa distinção criava uma barreira entre elas e o movimento operário tradicional, dificultando sua associação com a luta coletiva por direitos. Por conta dessa dissociação e da resistência em se engajarem plenamente no movimento operário, a União das Costureiras acabou se dissolvendo, mesmo com todo o esforço de suas lideranças.⁷⁰

A trajetória relatada de Elvira Boni dentro da União das Costureiras reflete os desafios, conquistas e limitações enfrentados pelas mulheres no movimento operário durante os primeiros anos do século XX. Fundada em um contexto de forte repressão e desigualdade, a União destacou-se por ser um sindicato exclusivamente dirigido por mulheres, que lutavam não apenas por melhores condições de trabalho, mas também pela emancipação feminina e pela solidariedade de classe. Lideranças como Elvira Boni desempenharam um papel crucial ao organizar greves, reivindicar direitos e promover a alfabetização e a profissionalização das costureiras. No entanto, a resistência interna e externa ao movimento, como a dificuldade de muitas costureiras em se reconhecerem como operárias e o medo de retaliações, limitaram o engajamento coletivo. Apesar de seu encerramento em 1922, a União das Costureiras deixou um marco na história associativa das mulheres trabalhadoras, tanto pela coragem de suas integrantes quanto pelo exemplo de organização e luta feminina em uma época marcada por preconceitos e exclusões. Essa história evidencia a importância de valorizar as vozes das mulheres trabalhadoras e reconhecer suas contribuições para as transformações sociais e laborais do Brasil.

⁶⁸ Gomes, op. cit. p. 37.

⁶⁹ Elvira em seu depoimento diz: “Geralmente as senhoras ricas iam para lá na parte da tarde. Iam tomar chá na Colombo e faziam aquele *footing* na rua do Ouvidor. Andavam para baixo e para cima, olhando as vitrines, p. 29).

⁷⁰ Gomes, op. cit. p. 37.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por meio das análises realizadas, fontes investigadas e reflexões apresentadas ao longo desta pesquisa, foi possível observar a participação das mulheres no movimento operário dos primeiros anos do século XX. Essa abordagem permitiu não apenas compreender aspectos significativos sobre a história do mundo laboral, mas também iluminar as especificidades da atuação feminina em um contexto social e político marcados por intensas desigualdades sociais e de gênero. Ao trazermos esse tipo de contexto e afirmações, essa pesquisa pode rever certas narrativas femininas e reafirmar a importância da historiografia a partir da perspectiva de gênero, especificando a minha monografia, estando junto a construção da história do trabalho.

Com esta pesquisa, busquei analisar diferentes aspectos da trajetória das mulheres costureiras no início do século XX, abordando desde sua inserção no mercado de trabalho até sua participação na construção do movimento operário. Ao investigar a emancipação feminina no mundo do trabalho, destaquei o impacto do manuseio das máquinas de costura, que não apenas profissionalizou essas mulheres, mas também lhes ofereceu meios concretos de buscar autonomia financeira em uma sociedade patriarcal. Além disso, explorei a participação ativa das mulheres nas greves de 1917 e 1919, evidenciando como suas lutas por melhores condições laborais e direitos sociais moldaram o movimento operário brasileiro. Por fim, o relato pessoal de Elvira Boni serviu como fragmento final para compreender a vivência de uma mulher imigrante que transformou a costura como um meio para se sindicalizar, e por fim, acabou enfrentando os dilemas de formar uma organização que passou por muitos obstáculos até o seu encerramento.

Ao final desta pesquisa passamos a compreender em alguns pontos as dificuldades e desafios para essas mulheres desmistificarem o seu espaço em sociedade. Essa trajetória, embora marcada por avanços graduais e custosos em termos de esforços e sacrifícios, revelou a capacidade de organização e resistência dessas mulheres. Além disso, os movimentos feministas desempenharam um papel crucial para impulsionar essas discussões. A partir da segunda onda feminista, nas décadas de 1960 e 1970, começou-se a questionar a ausência das mulheres nas narrativas históricas, nos estudos sociológicos e nas análises culturais. Mesmo

assim, levaram décadas para que essas demandas fossem incorporadas de forma mais ampla nas instituições acadêmicas e reconhecidas como legítimas no campo da pesquisa científica.

É fundamental que, como historiadores e historiadoras, possamos dedicar nosso ofício para recuperar e mostrar o valor que a história desses operários possuem, que ao longo do tempo, lutaram arduamente para conquistar direitos políticos, econômicos e sociais. Essas histórias não apenas salientam os desafios enfrentados no passado, mas também oferecem inspiração e aprendizado para as lutas que persistem na atualidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

Batalha, Claudio Henrique de Moraes “*O movimento operário na Primeira República*” / Claudio H.M. Batalha. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

Campos, Beatriz Luedemann. “*Companheiras em greve: o movimento paredista da União das Costureiras em junho de 1919.*” Revista Angelus Novus 17 (2021)

_____. “*Avante, companheiras!*”: as lutas sindicais das operárias do Rio de Janeiro na União das Costureiras a partir da trajetória de Elvira Boni.” Monografia (Graduação)–Universidade Federal de São Paulo, São Paulo (2021).

Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.* Editora da UNICAMP, 2001.

DE ALMEIDA, Daniela Fernanda. “*Isabel Bertolucci Cerruti: vida, trajetória política e escritos de uma mulher militante (1910-1937)*”. UNIFESP: Anpuh, 2018.

Fraccaro, Glaucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937).* Editora FGV, 2018.

GOMES, Angela de Castro. *Velhos Militantes: depoimentos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Gonçalves, Caroline. *Ernestina Lesina E O Anima E Vita: Trajetórias, Escritos E a Luta Das Mulheres Operárias (inícios Do Século XX São Paulo).* 2013.

GRIGOLIN, Fernanda. “*A Oradora como fotografia pública: ou por uma história visual do anarquismo.*” 10. ed. UNICAMP: Pergaminho, 2019.

Maleronka, Wanda. *Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher, São Paulo 1920-1950.* Senac, 2007.

MONTELEONE, Joana. “*O circuito das roupas: A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889)*”. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. 2009. Tese (Doutorado)

Rago, Margareth. *Adeus ao feminismo?: Feminismo e (pós) modernidade no Brasil*. São Paulo: UNICAMP, 1996.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. Editora Paz e Terra, 1985.

VALADÃO, Marina Tannús. “*Militância libertária feminina sob as lentes da História impressa.*” 2006. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.